TCC/UNICAMP
R151c
1677 FEF/296

Vanessa Patrícia Rancoletta

Colégio Divino Salvador: O Esporte em seus Diversos Significados

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Campinas
-2000-

Vanessa Patrícia Rancoletta

Colégio Divino Salvador:
O Esporte em seus Diversos Significados

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
2000

Vanessa Patrícia Rancoletta

Colégio Divino Salvador:
O Esporte em seus Diversos Significados

Monografia apresentada como exigência parcial para aprovação na disciplina MH 800 - Seminários de Monografias e obtenção do título de licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
2000

TCC/UNICAMP
R151c
1290001677

Comissão Julgadora

Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner
(Orientador)

Prof. Dr. Paulo Ferreira Araújo

Dedico este estudo . . .

... ao **Colégio Divino Salvador** pelo cumprimento do compromisso de educar.
Parabéns!!!

... aos meus pais **Jair** e **Elisa** que foram os grandes responsáveis por todos os acontecimentos de minha vida. Se não fosse a luta diária deles não conseguiria jamais chegar ao curso universitário.
Com muito amor ...

Agradeço . . .

... em primeiro lugar, gostaria de agradecer a **Deus**, que é a fonte da vida.

... ao **Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner** que aceitou o desafio de orientar este trabalho e que tanta paciência teve com os problemas surgidos durante a caminhada.

... ao **Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo** pelas correções sugeridas de forma a enriquecer este estudo.

... aos **profs. Nestor José Mostério** e **Lúcia Helena Scarpelli Gumeratto** pela disponibilidade e contribuição preciosa para a realização deste trabalho.

... a todos os que foram meus professores desde quando ingressei na escola, pelos seus ensinamentos e pela amizade.

... ao meu irmão **Emerson** pela amizade, pelas brigas e também pela ajuda nos recursos computacionais.

... a toda minha família, em especial às minhas avós **Durvalina** e **Antonia**, que tanto incentivo deram quando ingressei na faculdade.

... às minhas mais que amigas **Dani**, **Karen** e **Carla**, que me incentivaram e tornaram os momentos de estresse menos difíceis.

... aos meus amigos **Marcelo**, **Douglas** e **Eric** pelo companheirismo e apoio.

... às minhas amigas **Karina** e **Cláudia**, que foram pessoas importantíssimas nesses quatro anos de faculdade, sempre dedicadas e companheiras.

... a todos os outros colegas de classe e da faculdade pelos momentos compartilhados.

... aos meus amigos **Fred**, **Danilo** e todos os outros companheiros diários das idas e voltas para a faculdade.

... ao pessoal do laboratório de informática, **Beroth**, **Fátima**, **Júlio** e especialmente ao **Leonardo**, pelo auxílio na utilização dos computadores da faculdade.

... a todos os funcionários da faculdade pelo ótimo trabalho realizado.

... enfim, a todos que se fizeram especiais em minha vida.

A todos vocês. muito obrigado!!!

"Não vá levar tudo tão a sério
Sentindo que dá, deixa correr
Se souber confiar no seu critério
Nada a temer
Não vá levar tudo tão na boa
Brigue para obter o melhor
Se errar por amor Deus abençoa
Seja você (...)"

(Trecho da Música ***A Carta*** - Djavan e Gabriel, O Pensador)

SUMÁRIO

Resumo i

Apresentação ii

Introdução 1

Parte I – O Referencial Teórico 3

1.1 – O fenômeno esportivo e a sociedade moderna 4

1.2 – O fenômeno esportivo, a educação física e as suas ordenações legais 7

1.2.1 – O desporto 8

1.2.2 – A educação física e a lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) 12

1.3 – O esporte e seus significados na educação física 17

1.3.1 – Esporte educacional e esporte de rendimento 17

1.3.2 – Esporte *da* escola e esporte *na* escola 18

1.4 – O esporte em seu significado de rendimento e o cenário escolar .. 20

1.4.1 – O outro lado da moeda 22

Parte II – A Pesquisa 24

2.1 – Procedimentos metodológicos 25

2.2 – Um pouco sobre a história do colégio 29

2.2.1 – Ginásio Divino Salvador 30

2.2.2 – Colégio Divino Salvador 31
2.2.3 – Infra-estrutura e eventos do colégio 31
2.3 – Trajetória esportiva 33
2.3.1 – As aulas de educação física 34
2.3.2 – As práticas esportivas no colégio 35
2.4 – O basquetebol feminino 37
2.4.1 – A ascensão 38
2.4.2 – O auge 38
2.4.3 – A decadência 39
2.4.4 – Significado da equipe para o colégio 41
2.4.5 – O basquetebol e as aulas de educação física 42
2.5 – O esporte e seu valor para o Colégio Divino Salvador 43
Parte III – Considerações finais 46

Bibliografía 51
ANEXO 1 55
Carta para autorização da pesquisa 56
ANEXO 2 57
Entrevistado 1 58
Entrevistado 2 66

RESUMO

O esporte representa uma das maiores manifestações da cultura humana. Todos os dias, milhares de pessoas estão em contato com alguma modalidade esportiva, seja como meros espectadores, seja no "futebolzinho" de fim de semana ou mesmo como atletas - de alto nível ou não - ou profissionais do esporte. As crianças e adolescentes que frequentam a escola têm - ou deveriam ter - ainda uma outra oportunidade de contato com o esporte, que se dá nas aulas de educação física. Quando falamos em esporte e escola, logo pensamos nas aulas de educação física, porém esquecemos que o esporte pode estar inserido no espaço escolar com outros significados que não o do "esporte educação". Fora do horário específico das aulas, o esporte pode ganhar também o significado de rendimento ou mesmo de lazer. É nesta perspectiva que apresentamos neste trabalho um estudo de caso de uma instituição escolar, o Colégio Divino Salvador, onde o esporte teve sempre seu espaço reconhecido tanto numa perspectiva de rendimento, primeiro com as equipes de basquete feminino, e agora com as escolinhas de esporte, quanto no âmbito do "esporte educação", nas aulas de educação física. Acreditamos ser de suma importância um estudo como tal, uma vez que pouco se valoriza e muito se critica a ligação entre o esporte de rendimento e as instituições escolares, quando se deveria conhecer e reconhecer os significados de uma relação como essa.

APRESENTAÇÃO

O esporte fez parte da minha vida desde que ingressei na 5ª. série do 1º. grau (hoje ensino fundamental). Eu fazia parte da equipe de handebol da escola onde estudava, o Centro Educacional SESI 179.

Quando iniciei no colegial (ensino médio), precisei mudar de escola e passei a estudar no Colégio Divino Salvador. Lá não havia tantas pessoas adeptas ao handebol como havia no SESI, então tive que buscar novas alternativas. Foi quando ingressei na escolinha de voleibol do colégio, onde permaneci até a metade do 3º ano.

No próprio Divino havia vários campeonatos esportivos, principalmente de futebol, voleibol e basquete, e eu sempre participava deles.

Com tudo isso, o esporte fez-se cada vez mais presente no meu dia-a-dia, e por consequência o colégio passou a ser um espaço onde eu estava na maior parte de tempo. Se não estava tendo aula, estava em uma das quadras "jogando" algum esporte.

Todo esse tempo que passei nas quadras do colégio me renderam muitos amigos que preservo até hoje, bem como muitos puxões de orelha de alguns professores que falavam que eu precisava estudar mais e não cabular as aulas deles para ficar "jogando bola".

A época dos vestibulares foi se aproximando. Já tinha decidido que iria prestar vestibular para os cursos de Farmácia e Jornalismo, mas como na UNICAMP não tinha nenhum dos dois cursos, resolvi que iria prestar Educação Física, por realmente ser uma apaixonada por esporte e por ter sempre alimentado a vontade de um dia me tornar professora.

Quando saiu o resultado dos vestibulares quase endoideci, pois consegui passar nos três cursos. Optei por Educação Física pelo fato de ter sido aprovada numa universidade pública, pois se dependesse de escolher somente pelos cursos não iria saber o que fazer.

Hoje estou aqui concluindo o meu curso de graduação e trazendo a certeza de que fiz uma boa escolha. Trago também a certeza de que o Colégio Divino Salvador foi um dos grandes responsáveis pela minha escolha, pois se eu não tivesse estudado num colégio onde o esporte é algo tão forte talvez não teria descoberto essa grande paixão em minha vida que é o esporte.

E esse sucesso do esporte no colégio é reflexo do trabalho competente dos profissionais da área de educação física e também de outras áreas no colégio, tanto que conseguiram auxiliar na escolha do meu futuro profissional.

É por todos esses motivos que escolhi o Colégio Divino Salvador para ser parte do meu trabalho final de conclusão de curso. Afinal, se não fosse ele, acho que provavelmente hoje teria seguido outros rumos que não o da educação física.

INTRODUÇÃO

O esporte representa uma das maiores manifestações da cultura humana. Os povos antigos já praticavam esporte e realizavam competições de suas modalidades (Betti, 1993).

No cenário atual, o esporte toma cada vez mais espaço no dia-a-dia das pessoas, principalmente por ação da mídia que invade os lares diariamente (Paes, 1996).

A criança e o adolescente, como sujeitos da sociedade, têm - ou deveriam ter - a oportunidade de um contato mais frequente com o esporte, através das aulas de educação física oferecidas nas escolas.

No contexto escolar, todas as crianças deveriam possuir as "mesmas" condições para a prática de determinada modalidade esportiva, mas a história muda quando inclina-se sobre a questão do esporte de rendimento, onde poucos têm a oportunidade de participação.

Os trabalhos produzidos na área em sua grande maioria posicionam-se contrários a qualquer relação existente entre o "esporte de rendimento" e o cenário escolar.

Porém não acreditamos que essa questão deva ser tratada com tanta rispidez e desaprovação.

Ao contrário, pensamos que a existência do "esporte de rendimento" em meio ao contexto escolar pode trazer contribuições valiosas para o processo

educativo dos alunos, pois como todo fenômeno social aparece carregado de significados, que com certeza constituem o intuito maior da educação que é educar para a vida.

É por esse motivo que procuramos realizar um trabalho que possa elucidar um pouco sobre os significados do "esporte rendimento" para a instituição escolar, através da verificação de um caso real.

Este trabalho está dividido em três partes principais.

A primeira parte, que constitui o referencial teórico desta pesquisa, vem tratar do fenômeno esportivo perante a sociedade moderna, as políticas públicas do país e também aos estudos na área da educação física. Aqui procuramos pontuar alguns conceitos que são atribuídos ao esporte por esses segmentos, prendendo-nos mais no que diz respeito às questões do "esporte de rendimento" e "esporte educacional".

Também fazemos uma reflexão acerca do esporte em seu significado de rendimento e o cenário escolar.

Já a segunda parte traz o estudo de caso do Colégio Divino Salvador, cuja história de vida não pode se ver desvinculada do fenômeno esportivo. A metodologia utilizada na realização desta pesquisa vem também descrita nesta parte.

A última parte constitui-se das considerações finais acerca do tema escolhido.

Em anexo aparece a carta que enviamos ao Colégio Divino Salvador como autorização para realização deste estudo, bem como a transcrição completa das entrevistas realizadas para que fosse possível a conclusão da pesquisa.

Parte I

O Referencial Teórico

1.1- O FENÔMENO ESPORTIVO E A SOCIEDADE MODERNA

Atualmente o esporte caracteriza-se como um grande fenômeno social e também como uma das maiores manifestações da cultura humana. A participação das pessoas no cenário esportivo mundial tem sido cada vez maior, não só no que diz respeito à prática esportiva propriamente dita, mas também como espectadores de um esporte que cada vez mais vem assumindo novas dimensões.

Uma tendência ainda forte, mas que já vem sofrendo modificações, é a de associar o esporte à competição. Isso se deve à influência européia, sobretudo inglesa, do final do século XVIII.

Na Europa, e principalmente na Inglaterra, o que se via era uma ascensão dos jogos tradicionais (desvinculados de suas funções festivas), sustentada pelas escolas públicas (*Public Schools*), em detrimento aos tão famosos jogos populares. De início, estes jogos apresentavam um caráter extremamente elitista, privilegiando as classes nobres européias, enfatizando o amadorismo (Betti, 1993). Com o passar do tempo, a prática dos jogos tornou-se de fácil acesso também às pessoas menos favorecidas (operários, artesãos etc.).

Betti (1993) aponta uma relação existente entre o aumento do tempo de lazer, em consequência principalmente da Revolução Industrial, e essa

difusão do esporte entre as classes operária e urbana. Com a redução na jornada de trabalho e outras conquistas das classes trabalhistas inglesas, por volta de 1870, essas pessoas disponibilizaram seu tempo e puderam praticar atividades esportivas.

O tempo passou e o esporte atingiu no século XX uma expansão de dimensões fantásticas, e com uma rapidez jamais vista em qualquer movimento social (Krawczyk et al[1]). E com esta expansão diferentes visões sobre o esporte foram se consolidando e criando o cenário atual do esporte moderno que, conforme Bourdieu[2], se caracteriza por uma maior amplitude e múltiplas possibilidades, não se prendendo apenas à prática esportiva.

A prática esportiva em si é uma possibilidade de manifestação do esporte, porém não é a única. O mundo esportivo não se resume apenas à participação efetiva numa determinada atividade esportiva, e muito menos em prática exclusiva de atletas. Hoje o mundo esportivo é muito mais amplo, abrindo-se espaço para aqueles que apreciam o esporte com os olhos e com coração, ou seja, os espectadores.

Os meios de comunicação como rádio, jornal, televisão e também a internet têm grande participação na disseminação do esporte na sociedade. Essa mídia procura mexer com o lado emocional das pessoas, com imagens e palavras que realmente consigam trazer estas pessoas para o mundo do espetáculo esportivo. É esse o esporte espetáculo, que consegue levar centenas de pessoas aos estádios de futebol no Brasil e que praticamente "pára" o mundo numa abertura de Jogos Olímpicos. Assim esse esporte espetáculo torna-se mercadoria de consumo.

O esporte é mercadoria de consumo a partir do momento em que se gasta montanhas de dinheiro com a promoção de eventos esportivos e suas transmissões, e quando se verifica o retorno de tantos investimentos, com os espectadores comparecendo aos eventos ou prestigiando-os pela televisão. O

---

[1] Apud Betti, 1993.
[2] Apud Paes, 1996.

esporte é também consumido através de roupas e outros materiais esportivos existentes em lojas de todos o mundo. Conforme afirma Paes (1996), *"o esporte moderno é quase que uma garantia de lucro"* (p. 67).

Todo esse cenário esportivo, onde o esporte é mercadoria de consumo, reflete o profissionalismo com que ele vem sendo tratado. Se existem praticantes do esporte e os seus espectadores, também existem os inúmeros profissionais ligados a ele direta ou indiretamente, que são personagens importantes no cenário do esporte moderno. E não falamos apenas dos profissionais da área de educação física e dos atletas em si, mas falamos também em profissionais de outras áreas.

Paes (1996) baseado nas idéias de Bourdieu (1983) e Pilatti (1995) aponta uma outra dimensão do esporte, esta relacionada à questão de ocupação do tempo livre. Concordamos com o autor quando coloca a tendência de crescimento do esporte como possibilidade de ocupação do tempo livre durante este século XXI, atribuindo à mídia em especial a certeza desse crescimento. Se a mídia procura valorizar ao máximo o esporte moderno, que é também mercadoria de consumo, a tendência é que esse esporte tome grande parte do quotidiano das pessoas.

Bracht (1997) faz uma relação interessante entre esporte espetáculo[3] e esporte como atividade de lazer[4]. O autor coloca que, dentro de uma função social, essas duas manifestações caracterizam-se no âmbito do lazer.

> *"Por um lado enquanto produção e consumo de um produto no tempo livre; e, por outro, a prática no período de tempo livre."*
>
> (Bracht, 1997, p. 15)

[3] O autor utiliza a expressão esporte espetáculo como complemento de esporte de rendimento, visto a transformação do esporte em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação de massa.
[4] O autor considera a ação de espectador do esporte de rendimento como uma atividade de lazer.

Enquanto o espectador assiste uma partida de futebol pela televisão pode estar ocupando seu tempo livre Ao mesmo tempo está consumindo a mercadoria esporte, que está sendo vendida através do veículo televisivo.

Porém, Betti (1993) e Bracht (1997) atentam para as diferenças existentes entre esses dois tipos de manifestações. Enquanto o esporte espetáculo está mais pautado na questão do rendimento, da racionalização, aproximando-se do praticante e circunscrito no mundo do trabalho, o esporte como atividade de lazer está mais associado às questões de sociabilidade, saúde, prazer e circunscrito no mundo do não-trabalho.

Portanto podemos dizer que o esporte moderno possui diferentes manifestações. Cada uma dessas manifestações possui características que lhes são peculiares, mas de uma forma geral estão ligadas entre si, de modo que não podem ser separadas uma da outra. Os significados das diferentes manifestações esportivas entrelaçam-se de forma a que uma não pode ser compreendida senão a partir da outra.

E se o esporte moderno é esse, de múltiplas possibilidades de manifestações e carregado de diferentes significados, é ele um poderoso componente do processo educativo. Sendo componente educativo, a Escola assume grande importância para o esporte moderno, uma vez que se configura como cenário de reflexão e discussões sobre esse fenômeno que cada vez mais está presente no dia-a-dia das pessoas.

1.2 - O FENÔMENO ESPORTIVO, A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS ORDENAÇÕES LEGAIS

O esporte possui diferentes significados perante a sociedade, construídos historicamente, como vimos anteriormente.

No que diz respeito às ordenações legais, ou seja, as leis que regem o desporto e a educação no país, o mesmo aconteceu: a educação física e o esporte

foram adquirindo novas aparências, novos significados. E essas alterações legais nada mais são do que o reflexo da mudança de pensamento da sociedade e da defesa de interesses políticos.

1.2.1 - O Desporto[5]

No Brasil, as primeiras ações governamentais para o Esporte e Lazer ocorreram na década de 30, com o governo de Getúlio Vargas. Esta nova organização social buscava o caráter nacional de uma *identidade-nós* brasileira[6], respondendo aos padrões estabelecidos pelo Estado Novo (Mezzadri, 199_?). O que se pode dizer é que a posição tomada foi de o governo comandar algumas ações do indivíduo e que o Esporte e o Lazer ficariam sob as "asas" da legislação brasileira, com a sua tradição nacionalista.

Especificamente sobre o desporto brasileiro, somaram-se leis e revogações, cada uma com suas características e realizações.

A primeira delas foi o Decreto-Lei nº 3.199/41 (Mezzadri, 199_?), tendo como objetivo básico a organização do esporte brasileiro. Para isso, criou o Conselho Nacional do Desporto (CND), com a função de organizar, legislar e normatizar o esporte nacional. E foi na ocasião da nomeação de João Lyra Filho para presidente do CND que um fato curioso ocorreu:

> *"O Capanema (então ministro da Educação e Saúde) foi com cinquenta nomes ao Getúlio, todos desportistas conceituados. Getúlio pegou o lápis e foi passando linha por linha, até que chegou na letra J e fez um risco, afirmando*

[5] Para melhor adequação das frases, consideramos os nomes desporto e esporte como tendo exatamente o mesmo significado.

[6] MEZZADRI, F. M. A *Organização do Esporte e Lazer no Brasil: da Lei 3.119/41 ao Projeto Pelé*, [199_?] (xerox). Para o autor, a configuração da *identidade-nós* pode ser compreendida de duas maneiras: a primeira diz respeito ao Estado como instituição controladora de algumas ações dos indivíduos e a segunda fala da *identidade-nós* representada pelas configurações de cada grupo social inserido no Estado.

> *que nomeava aquele. Capanema perguntou pelos outros quatro.*
> *Ele disse: - O Ministro escolhe.*
> *Baixados os atos, Capanema voltou a Getúlio.*
> *- Presidente, estão nomeados os cinco membros do Conselho. Cabe ao senhor indicar o presidente, de acordo com a lei.*
> *Indagou Getúlio: - Quem indiquei para o Conselho?*
> *- João Lyra Filho (respondeu Capanema).*
> *- Então está implícita a escolha do Presidente (pontificou Getúlio)."*
>
> (Manhães, 1986, p. 34)

Esta passagem mostra quão autoritária e antidemocrática foi a criação do CND, o que só confirmou o caráter autoritário durante o período do regime militar no país.

Décadas se passaram até que surgiram novas normatizações, constituindo a Lei nº 625/75, a qual permitiu a fundação do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), e a sua regulamentação com o Decreto nº 80.228/77 (Mezzadri, 199_?). Esta foi uma lei elaborada durante o regime militar, portanto organizada de forma autoritária e centralizada nas ações das práticas desportivas (Mezzadri, 199_?).

Com a Constituição Federal de 1988 foi proposta a futura Lei Zico, regulamentada pelo Decreto nº 981/93 da Lei nº 8.672 de 1993[7]. Configurou-se então a mudança mais significativa do esporte nacional, uma vez que proporcionou uma série de eventos importantes para o desporto brasileiro em geral.

---

[7] Lei nº 8.672, de 6 de Julho de 1993 – *institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências.*

Este decreto acabou com a existência de uma única federação, formando-se várias ligas independentes. Houve também um maior número de recursos públicos destinados à área esportiva, assim como o incentivo ao esporte de criação nacional. Aqui, o profissionalismo e o amadorismo foram tratados de formas distintas.

Mezzadri [199_?] frisa que também foi este decreto o responsável pela mudança no conceito de desporto, que passou a ser dividido em três partes: *desporto educacional, desporto participativo* e *desporto de rendimento,* bem como em práticas formais e não-formais.

> *"Art 1º - O desporto brasileiro abrange práticas formais e não-formais (...)*
> *§ 1º - A Prática desportiva formal é regulada por normas nacionais e internacionais de competição e disciplina, e pelas regras desportivas de cada modalidade, aceitas pelas respectivas entidades nacionais de administração do desporto.*
> *§ 2º - A prática desportiva não-formal é caracterizada pela liberdade lúdica de seus praticantes."*
>
> (Lei nº 8.672/93)

E ainda:

> *"Art. 3º - O Desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:*
> *I – Deporto Educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade e a hipercompetitividade de seus praticantes, com*

> *a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer.*
> *II – Desporto de Participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente.*
> *III – Desporto de rendimento, praticado segundo as normais gerais esta Lei, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com outras nações."*
>
> (Lei nº 8.672/93)

Em 1997 foi elaborado o Projeto de Lei nº 3.633, que em 25 de março de 1998 constituiu-se na Lei nº 9.615[8], a Lei Pelé, e regulamentada pelo Decreto nº 2.574 em 29 de abril de 1998, aprimorando assim a Lei Zico. Este projeto veio com o intuito de democratizar o esporte nacional formal.

A Lei Pelé manteve os conceitos de desporto presentes na lei anterior. Porém, dentro do desporto de rendimento, a Lei Pelé fez a distinção entre profissionalismo e não-profissionalismo, este compreendendo as categorias semiprofissional e amador.

Além disso, promoveu a regulamentação das ações do profissional do esporte, estruturou o COB, criando entidades filiadas a ele, pregou a justiça desportiva, definiu a função de poder público em relação aos esportes e criou o INDESP (Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte).

---

[8] Lei nº 9.615, de 24 de Março de 1998 – *institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências.*

Segundo Mezzadri [199_?] esta nova legislação valorizou a formação do indivíduo como um ser ativo na sociedade e, por fim, descentralizou o poder nas ações das políticas públicas para o Esporte e Lazer.

Enfim, em 14 de julho de 2000 a Lei nº 9.981[9] veio alterar dispositivos da Lei 9.615/98. Essa lei modifica o art. 3 da lei anterior para:

> *"Art. 3 - II- de modo não-profissional, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio."*
>
> (Lei nº 9.981/00)

A Lei nº 9.981/00 traz outras modificações, mas nenhuma que venha modificar o conceito de desporto trazido pelas Leis Zico e Pelé, que é o assunto que nos interessa neste momento.

Assim configura-se a trajetória do desporto nacional, claro que aqui exposta de forma sintética e sem análise minuciosa dos porquês das mudanças ocorridas. Também não é nosso objetivo relatar esses porquês, mas apenas colocar um panorama geral do desporto nacional e suas leis.

1.2.2 - A Educação Física e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)

Na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961 - a Educação Física apareceu em seu artigo 22 como *"obrigatória nos cursos primário e médio até a idade de 18 anos"* (Castellani Filho, 1998, p. 5).

---

[9] Lei nº 9.981, de 14 de Julho de 2000 – *altera dispositivos da Lei nº 9.915, de 24 de Março de 1998, e dá outras providências.*

Castellani Filho (1998) atribui ao processo de industrialização do modelo econômico brasileiro na época, em substituição ao modelo agrário, a justificativa para esse tratamento à educação física. O que se visava era a capacitação física do trabalhador – aptidão física, associada à idéia de um corpo produtivo, portanto um corpo forte e saudável, e também dócil para submeter-se à lógica do trabalho sem questionamentos.

Determinou-se que as aulas de educação física eram obrigatórias somente até os 18 anos de idade, pois se considerava essa a idade de ingresso no mercado de trabalho. Uma vez que esses jovens estivessem empregados, caberia ao próprio mercado de trabalho cuidar da capacitação física dos agora trabalhadores (Castellani Filho, 1998).

Em 1971 surgem a lei n° 5.692 e o decreto n° 69.450 (Castellani Filho, 1998), os quais estabeleceram a obrigatoriedade da educação física para todos os graus do sistema de ensino, fazendo referência à facultatividade em alguns casos especiais.

Tomando como referência Castellani Filho (1998) encontramos:

> *"Decreto n° 69.450, Artigo 6– Em qualquer nível de todos os sistemas de ensino, é facultativa a participação nas atividades físicas programadas: a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas; b) aos alunos maiores de trinta anos de idade; c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa; d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei n° 1.044 de 21 de outubro de 1969,*

> *mediante laudo do médio assistente do estabelecimento."*
>
> (p. 7)

Este decreto manteve o eixo existente desde a criação da primeira LDB: o eixo da aptidão física e do corpo visto em sua dimensão físico-biológica. O corpo belo e saudável ainda ficou evidenciado, embora agora atrelado às questões do senso moral e cívico (Souza & Vago, 1997).

Não obstante a esses motivos, em 1977 surgiu uma outra lei de n° 6.503 que promoveu facultatividade das aulas de educação física aos alunos de pós-graduação e mulher com prole (Castellani Filho, 1998).

Alguns anos mais tarde, com o intuito de garantir uma legislação à educação nacional, começou-se a sistematizar idéias para constituir um capítulo para a Constituição Federal de 1988. A Carta de Goiânia, contendo as propostas dos educadores, foi aprovada em 1986 na IV Conferência Brasileira da Educação (Hermida, 2000).

Foi esse o pontapé inicial para uma série de projetos e substitutivos de diferentes líderes no cenário político que ocorreram até a aprovação, através de uma manobra regimental na Plenária do Senado, do projeto do senador Darcy Ribeiro (Hermida, 2000). Esse projeto ainda sofreu algumas modificações de última hora, constituindo o substitutivo Darcy Ribeiro que deu origem à lei n° 9.394 (Hermida, 2000), a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 17 de dezembro de 1996.

Hermida (2000) coloca que a nova LDB faz referência à educação física em seu artigo 26, dizendo:

> *"Parágrafo 3 - A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população*

> *escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos."*
>
> (p. 61)

Se por um lado a Educação Física foi adicionada ao currículo do primeiro período do ensino fundamental (1ª. a 4ª. série) e abriu-se chance para que fosse também incluída nas creches e pré-escolas, ela manteve sua exclusão da educação de jovens e adultos. E mais, a educação superior nem foi referida quanto à Educação Física (Sousa & Vago, 1997).

E também em seu artigo 27 aparecem as diretrizes dos os conteúdos da educação básica, ressaltando a *"promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais"* (Hermida, 2000, p. 61).

Castellani Filho (1998) aponta o conceito adotado pela nova LDB sobre desporto nacional:

> *"O Desporto Educacional, serviço público assegurado pelo Estado, dentro e fora da Escola, tem como finalidade democratizar e gerar cultura, através de modalidades motrizes de expressão da personalidade do indivíduo em ação, desenvolvendo este indivíduo, numa estrutura de relações sociais recíprocas e com a natureza, a sua formação corporal e as próprias potencialidades, preparando-o para o lazer e o exercício crítico da cidadania, evitando a seletividade, a segregação social e a hipercompetitividade, com vistas a uma sociedade livremente organizada, cooperativa e solidária."*
>
> (p. 11)

O ponto fundamental e de maior polêmica desta nova LDB foi o certo grau de autonomia que ofereceu para as escolas, uma vez que flexibilizou algumas normas até então rígidas no processo escolar[10] (Hermida, 2000). A nova função da escola, nessa LDB, constitui na elaboração de sua própria proposta pedagógica; é justamente nessa função que o autor julga estar esse grau de autonomia.

Sousa e Vago (1997) colocam que essa autonomia é bastante relativizada, primeiro porque o governo insiste em impor os Parâmetros Curriculares Nacionais e segundo porque existe um processo nacional de avaliação do rendimento escolar como instrumento de controle. Se existem condições impostas pelo governo e que são gerais (quase obrigatórias) para todas as escolas do país, então não podemos falar em uma total autonomia.

Conforme palavras de Paulo Freire (2000):

> *"Me torno tão falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários."*
>
> (p. 53)

Como é possível conceder autonomia aos estabelecimentos de ensino ao mesmo tempo em que se determina que todos eles serão avaliados, ao final do ano letivo, por um processo nacional único, válido para todos? Se lhes foi concedida liberdade para planejar a sua proposta pedagógica, não é possível que se queira impor os Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais já trazem conteúdos de uma proposta pedagógica. Isso é no mínimo incoerente.

---

[10] HERMIDA, T. O Lugar da Educação Física na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Trajetória, Limites e Perspectivas. *Revista Paranaense de Educação Física*, vol. 1. nº 1, Maio de 2000. Art. 24 – *"A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: (...) IV- poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares; (...)"*

1.3 - O ESPORTE E SEUS SIGNIFICADOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Vimos tanto nas leis que regem o desporto quanto nas leis da educação nacional o que elas entendem por esporte.

Atualmente, a legislação do desporto coloca três formas de desporto, ou seja, educacional, de participação e de rendimento, também classificando-as em práticas formais e não-formais. A nova LDB, no que diz respeito à educação física, também possui a sua definição de desporto educacional, a qual é de fundamental importância ter com clareza para entendermos o que pensam os nossos governantes a respeito de um conteúdo abordado em nossa área.

Na sociedade, ao longo dos tempos, o entendimento sobre o fenômeno esportivo também foi se modificando e sofrendo diferentes interpretações.

Entre os estudiosos da área de educação física, as classificações do esporte também surgem, mostrando-se bem variadas e até divergentes.

1.3.1 - Esporte Educacional e Esporte de Rendimento

Semelhante ao que as nossas políticas públicas colocam, Tubino (1993) propõe os conceitos de "esporte-performance, esporte-participação e esporte-educação", colocando este último como o esporte de compromisso educativo.

Porém, falar em "esporte-educação" e vinculá-lo exclusivamente à questão escolar, de ação educativa, pode gerar um conflito com um conceito maior de educação.

Kunz (1998), fazendo referência ao posicionamento de Tubino (1993), coloca que a educação pode ser entendida como:

> *"(...) um processo social que indica uma consolidação cultural e histórica própria e pode*

> *existir tanto em instituições formais e públicas como também em instituições informais e ambientes privados".*
>
> (p. 72)

Visto isso, concluímos que o esporte não é educação somente quando se dá nos estabelecimentos formais de ensino, mas também é educação nas equipes de treinamento ou nas áreas de lazer, pois como fenômeno cultural e construído historicamente, traz significados de caráter educativo para a vida do praticante. E o verdadeiro esporte educação é esse, o que educa para a vida!

1.3.2- Esporte *da* Escola e Esporte *na* Escola

Uma outra definição muito comum, utilizada pelos nossos próprios professores acadêmicos, é a de esporte *na* escola e esporte *da* escola[11]. Certa vez ouvimos a seguinte questão: "O que é mais correto, mais sensato no âmbito escolar, o esporte *na* escola ou o esporte *da* escola?". E respondemos em auto e bom som: "Esporte *da* escola".

Entendemos por esporte *da* escola a manifestação esportiva adaptada às condições e objetivos educacionais da escola. Já esporte *na* escola implicaria na prática esportiva com todas suas peculiaridades e vícios existentes na sociedade (Coletivo de Autores, 1991).

Paes (2000) coloca que o esporte é um fenômeno de múltiplas possibilidades, e que dentro dessa pluralidade, deve haver sempre um tratamento pedagógico ao esporte, independente do significado a que o esporte estiver submetido. O que é preciso se ter claro para a elaboração de uma proposta pedagógica para a prática esportiva foi o que autor chamou de cenário, personagens e significado dessa prática.

---

[11] Outros autores que realizam discussões sobre esporte *na* escola e esporte da escola são Bracht (1987) e Vago (1996) (apud Moraes, 1999).

Exemplificando:

> *"Para abordar o esporte em uma dimensão pedagógica, será tomada como cenário a escola, os personagens serão os alunos, o significado de sua prática será a contribuição, juntamente com os demais conteúdos da escola, para o processo de educação dos alunos."*
>
> (Paes, 2000, p. 22)

Ou seja, o cenário seria o espaço em que se dá a prática esportiva, os personagens seriam os sujeitos da prática e o significado seria o contexto em que está inserida essa prática, os seus objetivos.

Se considerarmos a expressão esporte *da* escola está implícito que a existência de uma equipe de treinamento no próprio cenário escolar e composta por alunos da escola, por exemplo, não se configuraria como esporte *da* escola, mas sim como esporte *na* escola, uma vez que não estaria voltada para os objetivos educativos próprios de uma instituição escolar. E será que realmente uma equipe de treinamento não pode ser compatível com os objetivos educativos da escola?

O esporte é um fenômeno único, mas que recebe diferentes significados de acordo com o cenário, os personagens e os significados de determinada prática esportiva.

Assim, na situação anterior - sobre a formação de uma equipe de treinamento dentro do próprio espaço escolar, podemos dizer que o esporte teria como cenário a escola, como personagens os seus alunos e como significado a prática de uma modalidade esportiva a que se tenha afinidade, para competir ou simplesmente praticar, e com objetivos também educativos, que é o de educar para a vida.

1.4 - O ESPORTE EM SEU SIGNIFICADO DE RENDIMENTO E O CENÁRIO ESCOLAR

Quando se ouve falar em esporte escolar ou "esporte-educação", a primeira imagem que vem a tona são as aulas de educação física. A aula de educação física realmente é o espaço reconhecido para a prática esportiva no cenário escolar. Porém, será que a aula de educação física seria o único espaço para uma prática esportiva com caráter educacional?

Kunz (1998) coloca que:

> *"A educação é entendida como um conceito mais amplo, como toda qualquer reação social orientada sobre os fatores de desenvolvimento do homem. Significa dizer de forma bem diferente da de outros conceitos que se referem apenas à relação professor-aluno, ou seja, às relações pedagógicas."*
>
> (p. 72)

Sendo assim, podemos entender que uma manifestação esportiva ocorrida no cenário escolar e que não seja a aula de educação física propriamente dita pode se configurar como uma ação educativa. O esporte significando rendimento, por sua vez, também se encaixaria nessa afirmação.

Moraes (1999), seguindo a mesma linha de raciocínio de Ferreira (1996), coloca que o esporte-educação é aquele que possui como valores sociais a solidariedade, a cooperação, a participação e a autonomia. E o autor completa dizendo que esses valores não são compatíveis com o desejo da vitória a qualquer custo.

Soares[12] não só defende a autonomia como prioridade no esporte escolar, como também coloca que o ensino do esporte deve possuir um caráter de mobilização e integração social, a fim de não assumir um pseudovalor educativo. Ou seja, preservar as relações desumanas do esporte, tratando-o de forma tecnicista, onde muitos alunos são excluídos e a vitória é o objetivo maior daquela prática, isso só vem negar os valores de mobilização e integração, não condizendo assim com os princípios educativos de uma instituição escolar.

A educação física no cenário escolar deve ser espaço para que o aluno possa pensar o esporte, em todas as suas manifestações, e refletir sobre seus significados, e não apenas um espaço para a prática esportiva vinculada ao desejo maior de vitória.

Querer vencer a qualquer custo, não medindo esforços para chegar a essa vitória, ferindo a ética do ser humano de respeito à liberdade das outras pessoas e usando de artifícios ilegais para se conseguir os seus objetivos. Isso não é compatível com o ideal de solidariedade e cooperação.

Porém, a competição saudável, aquela que prega o respeito, que prega o incentivo o querer mais sem prejudicar as outras pessoas, que faz do esporte um espaço de interação e de socialização, mostra-se perfeitamente ligada às questões de cooperação, de solidariedade e também de autonomia.

A vida do ser humano em si é competitiva. O sujeito torna-se competitivo a partir do momento que é concebido e leva essa característica por toda a sua vida. Ensinando a competir, refletindo sobre essa competição, estaremos ensinando e refletindo para a vida. E é fazendo o aluno refletir que permitimos a ele ser crítico e exercer sua autonomia.

Montagner (1993) coloca que o esporte como elemento de educação deve ir além do ensino dos gestos técnicos, lutando assim por uma "prática sã do esporte" e trabalhando as divergências criadas pela competição.

Se é preciso trabalhar essas divergências da competição, por quê não faze-la no próprio esporte de competição, naquele que recebe o significado de

[12] Apud Montagner, 1993

rendimento? Não estamos aqui falando de uma equipe de repercussão em nível nacional, mas de uma equipe de treinamento formada dentro de uma instituição escolar, que irá participar de campeonatos escolares ou outros campeonatos menores.

A instituição escolar como espaço formador, que procura despertar a criatividade do aluno, que instiga o aluno a ser crítico, poderia muito bem dar conta de trabalhar com as divergências da competição esportiva através da constituição de uma equipe competitiva. Os alunos estariam vivendo a situação, teriam a oportunidade de sentir "na pele" os significados e consequências da competição esportiva.

A experiência vivida é de valor inegável para o aluno, uma vez que pode detectar os pontos positivos e negativos da prática e fazer o seu próprio juízo dela, ao invés de apenas reproduzir o que ouve por aí, ou seja, transcender o senso comum.

E os alunos que realmente gostassem de determinada modalidade esportiva, e que provavelmente iriam procurar um clube para "jogar", teriam a oportunidade de participar de uma equipe da sua própria escola, onde todo esse tratamento especial ao caráter competitivo do esporte poderia ser mais bem trabalhado.

1.4.1 - O Outro Lado da Moeda

Um argumento muito forte no que diz respeito à formação de uma equipe competitiva dentro de uma escola é o da inclusão/exclusão dos alunos. Betti (1999) coloca que:

> *"O aluno não pode estar formalmente presente na escola, mas deve ter acesso pleno a todas as vivências que ela oferece."*
>
> (p. 86)

No esporte que possui significado de rendimento está implícito um certo grau de exclusão, à medida que se objetiva a vitória. Se o que se almeja é a vitória, fica óbvio pensar que os melhores, os mais aptos a tal exercício é que serão escolhidos.

Não é só no esporte que isso acontece, pois do mesmo modo que o garoto bom de vôlei é aprovado numa "peneira" de um bom clube, o bom aluno em matemática é selecionado para a fase nacional das Olimpíadas de Matemática. Porém, não é porque essa exclusão ocorre de fato é que devemos reforça-la ainda mais.

Um meio de amenizar a exclusão dos alunos é criar estratégias para que todos possam de algum modo participar das equipes de treinamento da escola. Formarem-se várias categorias, várias equipes, ou algum outro modo para que o esporte não se torne tão excludente.

E uma coisa é imprescindível para o progresso de uma idéia como essa: que essas equipes formadas na escola nunca extrapolem os limites de competitividade. Que o nível de suas competições seja o suficiente para que ela possa viver em harmonia com os ideais da instituição escolar.

A partir do momento que começam a haver outros interesses, que o esporte deixa o caráter educativo, da formação do educando como um todo, e passa a ser voltado somente para a vitória, para os resultados, ele não pode mais fazer parte do cenário escolar, uma vez que fica alheio ao propósito de uma instituição escolar, que é instituir valores.

Parte II

A Pesquisa

2.1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo tem o propósito de situar o esporte no Colégio Divino Salvador, dentro das suas diferentes manifestações e significados. As razões para a escolha desta instituição de ensino estão explicitadas na Apresentação.

A parte I deste estudo corresponde ao referencial teórico que embasa a pesquisa a seguir. Esta parte foi elaborada a partir de uma revisão de literatura de obras significativas sobre o tema abordado.

À parte II cabe então a pesquisa em si, que possui suas raízes metodológicas calcadas no campo da pesquisa qualitativa.

Segundo Triviños (1992) é difícil estabelecermos uma definição para a pesquisa qualitativa, devido à abrangência do conceito e também à dicotomia entre as bases teóricas que orientam o pesquisador. Porém, à luz da pesquisa qualitativa de caráter fenomenológico encontramos uma colocação importante e que condiz com o pretendido neste estudo:

> *"Busca de uma metodologia que, considerando também o contexto do fenômeno social que se estuda, privilegia a prática e o propósito*

> *transformador do conhecimento que se adquire da realidade que se procura desvendar em seus aspectos essenciais e acidentais."*
>
> (Triviños, 1992, p. 125)

O tipo de pesquisa qualitativa utilizado foi o estudo de caso, que caracteriza-se como uma *"categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente"* (Triviños, 1992, p. 133). Neste caso, o objeto estudado foi o Colégio Divino Salvador de Jundiaí.

Para a realização desse estudo foram utilizadas como instrumentos de pesquisa um levantamento bibliográfico de documentos existentes sobre o colégio, como livros e reportagens de jornais, bem como entrevistas semi-estruturadas.

A opção pela realização de entrevistas deu-se pelo intuito de se obter informações relevantes que não estão escritas ou documentadas, mas que ficaram na memória das pessoas que vivenciaram a realidade que estamos estudando. Além disso, pelo próprio fato de terem vivenciado os momentos, os entrevistados apresentarem experiências e opiniões diferentes que poderiam enriquecer por demais as nossas discussões.

Para Garrett (1991) entrevistar é:

> *"(...) Uma arte e quase mesmo uma ciência, da qual podem eles formular e organizar, dentro de um corpo sistematizado de conhecimentos, pelo menos alguns princípios básicos."*
>
> (p. 16)

O fato de serem semi-estruturadas dá a essas entrevistas um certo grau de flexibilidade, permitindo que o entrevistador possa conduzi-la de modo

a obter maior número de informações possíveis, bem como controlar possíveis "desvios de assunto" por parte do entrevistado.

Para Triviños (1992) também o entrevistado passa a fazer parte da construção dessa entrevista, uma vez que tem certa liberdade para seguir sua linha de raciocínio.

Os sujeitos entrevistados são pessoas que participaram do projeto de composição da equipe de basquetebol feminino e que permanecem até hoje no colégio.

O Prof. Nestor José Mostério que há 25 anos mantém vínculo com o colégio. Era técnico da equipe de basquetebol feminino e atualmente exerce a função de coordenador de esportes e educação física no Divino, bem como a de professor de educação física no ensino fundamental.

A Profa. Lúcia Helena Scarpelli Gumeratto que há quase 28 anos está vinculada ao colégio. Foi atleta da equipe de basquetebol feminino e atualmente é professora de educação física do ensino fundamental e médio e também do magistério, bem como administradora da escolinha de basquetebol feminino do colégio.

A princípio, o objetivo era também realizar entrevista com o Pe. Olivo Binotto, que foi diretor do colégio durante muitos anos e que participou diretamente de toda a história da constituição da equipe de basquetebol feminino do colégio. Porém não foi possível a realização desta, devido ao fato de o Pe. Olivo não estar mais no colégio, residindo atualmente na cidade de São Paulo, e também pelo fato de ele ter sofrido uma cirurgia recentemente.

O roteiro inicial de entrevistas foi o seguinte:

1. Nome:
2. Função atual no colégio:
3. Há quanto tempo tem vínculo com o colégio?
4. Falar um pouco da história do basquete competitivo do Divino. Como surgiu? O que levou a criação da equipe?

5. Na época da grande equipe de basquete feminino do divino, qual era sua função no colégio e/ou no time?

6. Quais eram os objetivos de se ter uma equipe de destaque no colégio? Eles foram alcançados?

7. O que significou para o colégio a existência dessa equipe? Pontos positivos e negativos dessa relação.

8. Havia alguma ligação entre as aulas de educação física e a equipe de basquete ou eram coisas separadas, desvinculadas?

9. Qual o panorama das aulas de educação física nessa época? E atualmente? Esse panorama se modificou ao longo do tempo?

10. Atualmente, além das aulas de educação física, quais outras atividades esportivas são promovidas pelo colégio? Desde quando elas existem? Quais seus objetivos?

11. Qual o valor do **esporte** para o colégio?

A partir desse roteiro deram-se as entrevistas, as quais foram documentadas em forma de gravação em fita k-7 e depois transcritas para facilitar a utilização das informações obtidas.

As transcrições foram realizadas na íntegra e com o máximo de fidelidade aos relatos, suprimindo-se apenas alguns vícios da linguagem popular, sem no entanto alterar o sentido desses relatos.

Essas transcrições estão no ANEXO 2.

2.2 - UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO COLÉGIO[13]

No ano de 1922 os padres salvatorianos se estabeleceram na cidade de Jundiaí (SP), no bairro de Vila Arens. Com o intuito de formar novas vocações salvatorianas no Brasil, trataram logo de abrir um seminário, que recebeu o nome de Escola Apostólica do Divino Salvador.

Nessa época, os estudos no Seminário Menor de Jundiaí eram feitos em apenas cinco anos, embora abrangendo as disciplinas do 1º grau maior e 2º grau. O currículo intensivo e condensado deste seminário fez com que muitos de seus seminaristas fossem procurar outras escolas com currículo oficial de quatro anos de ginásio e três de colegial ou científico.

Então em 1953 o Rev.mo. Pe. Adalberto de Paulo Nunes, primeiro superior provincial brasileiro, decidiu que os estudos do Seminário Menor iriam adequar-se aos das escolas públicas e particulares.

Ainda no mesmo ano, o Seminário de Jundiaí contou com a vinda do Pe. Paulo de Sá Gurgel, que havia adquirido junto ao MEC os registros de professor de Português e Latim e de diretor, títulos conseguidos graças a anos de magistério no Seminário Maior de Indianópolis e posteriormente no Ginásio Nossa Senhora Aparecida de Indianópolis, ambos na capital paulista. Pe. Paulo Gurgel tinha como meta a oficialização dos estudos do Seminário de Jundiaí junto aos órgãos oficiais de ensino, o que não seria tarefa fácil, visto a precariedade das instalações do Seminário com regime de internato.

A responsável enviada pelo MEC para a inspeção do seminário, apesar de colocar algumas recomendações sobre as instalações do seminário – adequação de salas de aula e do refeitório - prometeu o voto favorável no Ministério da Educação. Com isso começou-se a elaborar um novo currículo, onde se deu ênfase ao ensino da língua latina, porém sem perder de vista as disciplinas comuns.

---

[13] Grande parte das informações históricas obtidas sobre o Colégio Divino Salvador provém do livro escrito pelos padres Paulo de Sá Gurgel (primeira parte) e Olivo Binotto (segunda parte), em homenagem ao próprio colégio e ao trabalho dos salvatorianos presentes na cidade de Jundiaí, os quais completam seu primeiro centenário de presença no Brasil.

A primeira autorização chegou ainda em 1953, e no ano seguinte, com todos os preparativos prontos, o ano letivo dos seminaristas iniciou com as mudanças previstas. Agora os seminaristas tinham os seus estudos reconhecidos, tinham um curso ginasial em forma de lei.

2.2.1 - Ginásio Divino Salvador

No dia 1º de Março de 1954 deu-se início às aulas do Ginásio Divino Salvador. Neste ano funcionou com apenas duas classes, sendo uma de 1º série e outra de 2º série – para os alunos que cursaram a 1ª série do Seminário no ano anterior, correspondentes hoje respectivamente à 5ª e 6ª séries do ensino fundamental.

Ainda neste primeiro ano de experiência surgiu a idéia de agregar aos estudos seminaristas outros jovens jundiaienses, como externos, além dos seminaristas internos. Essa idéia foi totalmente aceita pelo Provincialado Salvatoriano, reforçada pelo fato de que, dentre em breve, os seminaristas seriam transferidos para o Seminário Jordaniano no Sítio Bertioga, localizado no município de Várzea Paulista. O curso ginasial – 1ª série – começou em 1955 para os alunos externos e também para os seminaristas de igual escolaridade.

Durante o período em que os seminaristas e os externos permaneceram juntos no prédio de Vila Arens, os professores eram geralmente os padres e alguns estagiários do Seminário de Indianópolis. Porém, depois da construção do Seminário Jordaniano, foram admitidos professores leigos para as disciplinas do curso ginasial e científico.

A aprovação oficial do Ginásio Divino Salvador só ocorreu no dia 11 de Março de 1955, através da Portaria nº 166 do MEC, assinada pelo diretor do ensino secundário Sr. Armando Hildebrand.

2.2.2 - Colégio Divino Salvador

Em 1960 foi criado o Colegial ou Curso Científico (atual ensino médio), a partir de quando o ginásio passa a ser definitivamente chamado de Colégio Divino Salvador. E com a conclusão da construção do Seminário Jordaniano em 1970, o prédio de Vila Arens passou a ser de uso exclusivo do colégio.

Em 1972 foi introduzido o ensino primário (1ª a 4ª série), constituindo por completo o antigo 1º grau. No ano seguinte, graças ao advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971 (Binotto, 1996), foi introduzido no colégio o 2º grau profissionalizante, contendo os cursos de Eletrônica e Eletrotécnica, sendo este substituído em 1984 pelo curso de Processamento de Dados[14]. Em 1986 foi criado o curso de Magistério, com o objetivo de formar professoras para lecionar no próprio colégio.

Por fim, em 1978 foi criada a pré-escola, e aos poucos o jardim e o maternal, constituindo assim o curso completo de Educação Infantil.

Mais recentemente, no ano de 1998, foi também adquirido um espaço onde funciona o Centro de Estudos Divino Salvador. É neste local que o colégio mantém vínculo com uma universidade particular, promovendo cursos de pós-graduação em diversas áreas de atuação.

2.2.3 - Infra-estrutura e Eventos do Colégio

Ao longo dos anos, o Divino Salvador precisou modificar seu espaço físico, a sua infra-estrutura. Surgiram salas de aula maiores e moves adequados às necessidades atuais, a biblioteca foi sendo atualizada, construiu-se laboratórios, tudo isso para atender o número de alunos matriculados, que teve seu auge no ano de 1989 com 3500 alunos matriculados (Binotto, 1996). O Pe. Olivo Binotto, diretor do colégio de 1969 a 1992, foi um dos maiores responsáveis pelo crescimento e progresso do colégio.

---

[14] Atualmente o curso de Processamento de Dados mudou de nome para Informática. Além desse curso, existem os cursos de Telecomunicações, Mecatrônica, Artes & Design e Eletrônica, todos funcionando como cursos profissionalizantes, realizados em 2 anos.

Desde os primeiros anos do Ginásio, os alunos organizaram e participaram de diversos eventos, como festas juninas, desfiles de 7 de Setembro com sua fanfarra, o próprio grupo musical "Os Divinos", excursões e passeios "instrutivos". Criaram também um grêmio literário estudantil, com a fundação do Grêmio Estudantil Divino Salvador (GEDIS), e um jornal escolar de nome "Alvorada", mas que não tiveram longa duração.

Todos esses eventos promovidos não ficaram perdidos no tempo. Ainda hoje muito se faz dentro do colégio, e que tem uma relação estreita com o que esses alunos faziam há anos atrás.

Atualmente, o colégio possui projetos educativos com passeios e visitas, como o Projeto de Espeleologia, os Corais Infantil e Juvenil, a Feira Eletrônica e de Computação (Felecom), a participação nas Olimpíadas de Matemática promovidas pela UNICAMP etc.

Um evento muito importante a ser ressaltado é a Gincana Estudantil Divino Salvador, mais conhecida por GEDS, que se iniciou em 1980 e tem prosseguimento até hoje. Esta gincana possui amostras culturais – teatro, dança, esportes, jogos – e uma parte filantrópica, com arrecadação de alimentos e materiais úteis para as entidades sociais da cidade. Tem como intuito maior a integração dos alunos do colégio e a promoção do espírito de solidariedade (Binotto, 1996).

Essa gincana é composta por equipes coordenadas pelo terceiro ano do ensino médio, e aquela que conseguir maior número de pontos na somatória geral de todas as provas, sejam elas artísticas, esportivas, "de conhecimentos" e filantrópicas, sagra-se a grande campeã. Nos últimos anos, tem havido alguns conflitos, devido a enorme rivalidade que se formou entre as equipes; o espírito de solidariedade foi deixado um pouco de lado e deu lugar a uma disputa muito acirrada por pontos, principalmente no que diz respeito à parte de arrecadação de alimentos, esta que *envolve o dinheiro* (Grifos meus).

E o que vem acontecendo é nada mais do que reflexo da sociedade capitalista em que vivemos, onde o dinheiro faz a diferença numa disputa. Aquele que tem dinheiro está a frente daquele que não tem dinheiro!

Independente desse fato, a GEDS sempre foi e continua sendo um acontecimento muito importante para o colégio, que mobiliza os alunos na busca de um ideal: a vitória. Conforme o Entrevistado 1[15] coloca, a competição se faz presente na vida das pessoas, e não seria diferente com os alunos do colégio.

2.3 - TRAJETÓRIA ESPORTIVA

O esporte sempre foi um componente muito marcante do Colégio Divino Salvador, desde a época que ainda era seminário. Nessa época, os alunos frequentavam a escola aos finais de semana para "jogar bola", e faziam do colégio um espaço alegre e de confraternização (Gurgel, 1996).

Os horários de recreio também eram um espaço para a prática esportiva, onde a quadra cimentada virava cenário para os diversos jogos de futebol e o galpão aberto ficava repleto dos que se interessavam pelo tênis de mesa. Além disso, a quadra era utilizada durante as aulas de educação física, para execução dos exercícios ginásticos.

Com o passar dos anos, surgiu a necessidade de que fossem criados outros espaços para a prática esportiva no colégio, devido ao grande número de adeptos ao esporte.

Em 1969 houve a inauguração das piscinas, após longos cinco anos de obras. E em 1976, sob a direção do Pe. Olivo foi inaugurado o ginásio poli-esportivo, com capacidade para 600 pessoas; junto com o ginásio, foi também construída uma sala para a prática de lutas e ginástica.

---

[15] O Entrevistado 1 foi o Prof. Nestor José Mostério.

O recurso para a construção dessas duas obras foi adquirido através das Festas Juninas promovidas pelos alunos (Binotto, 1996).

Atualmente o colégio conta com mais uma sala de ginástica, uma quadra coberta, duas quadras suspensas e outras três quadras menores construídas em 1991, além do espaço do Divino Infantil, que conta com mais uma piscina e uma quadra pequenas, inauguradas em 1993.

2.3.1 - As Aulas de Educação Física

O primeiro professor de Educação Física do colégio foi Daniel Hehl Cardoso, que exerceu sua função no colégio durante 18 anos (1974 a 1991) e hoje já é falecido.

Quando Gurgel (1996) coloca sobre a construção da quadra cimentada, comenta que ela era utilizada pelo professor de educação física para a prática de exercícios ginásticos. Dos primeiros anos de aulas de educação física no colégio é a única coisa que se tem registro.

No início dos anos 70, o Entrevistado 2 coloca que nas aulas de educação física os alunos simplesmente jogavam o esporte que gostavam, e a figura do professor estava presente. Geralmente eram jogos de voleibol para as meninas e futebol para os meninos, visto que nessa época as turmas das aulas de educação física não eram mistas. Esse cenário ainda é visto hoje em dia em muitas escolas, principalmente no que diz respeito ao simplesmente jogar; é o professor de educação física fazendo o papel de "entregador de bola", e não de educador.

Já no fim dos anos 70 e anos 80, o cenário começou a mudar. Foi a época em que o desporto se consolidou nas aulas de educação física, tendo como componente central a técnica, o gesto esportivo correto (Betti, 1991). E no Colégio Divino Salvador não poderia ser diferente: foi o conteúdo esporte que predominou nas aulas de educação física, dentro das mais diversas modalidades.

Essa tendência à predominância do conteúdo esporte nas aulas de educação física, num certo ponto, estende-se até os dias atuais. Conforme o Entrevistado 2[16]:

> *"A gente tenta inovar, mas não perder essa linha, porque é uma linha esportiva mesmo da escola."*[17]

Porém hoje os esportes não são os únicos conteúdos tratados nas aulas de educação física do colégio, principalmente para os alunos da educação infantil e primeira fase do ensino fundamental (1ª a 4ª série). Outros elementos da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1991), como o jogo, a ginástica, as lutas e a dança são trabalhadas nas aulas. Talvez não a dança específica, mas há o trabalho com o ritmo da criança; talvez não a luta em si, mas um posicionamento que permita ao aluno criar um gesto de defesa (Entrevistado 2).

Para os alunos da segunda fase (5ª a 8ª série) do ensino fundamental e do ensino médio o conteúdo predominante, mas não único, é o esporte nas modalidades coletivas.

Outro ponto importante é que atualmente as aulas de educação física ocorrem com turmas mistas, a partir de 1998. Antes disso, havia um professor para os meninos e um para as meninas. Esta é uma iniciativa imprescindível para quem procura fazer uma educação física mais humana, de formação para a vida, em que não existe espaço para o preconceito. Meninas jogam futebol sim, e os meninos também dançam!

2.3.2 - As Práticas Esportivas no Colégio

O Colégio Divino Salvador sempre foi um incentivador à prática esportiva, ou conforme o Entrevistado 2, é o "colégio do esporte". E esse esporte

---

[16] O Entrevistado 2 foi a Profa. Lúcia Helena Scarpelli Gumeratto.

[17] Citação extraída de trecho de entrevista oral do Entrevistado 2, cuja íntegra se encontra no ANEXO 2.

praticado no colégio tem um intuito maior do que simplesmente o de "jogar bola", da prática voltada para o lazer, mas faz parte de um contexto maior, de uma formação completa e integral dos alunos[18].

Desde o início os alunos frequentavam o colégio nos finais de semana para a prática esportiva, e mesmo a hora do recreio tornava-se um momento para realizar alguma atividade esportiva (Gurgel, 1996).

Ao longo dos anos, com a melhoria de sua infra-estrutura, o esporte foi cada vez mais tomando conta do cenário do colégio. O que se via era um enorme empenho dos alunos na prática esportiva, em diferentes modalidades.

Um elemento de destaque dentro do colégio, como fator de integração e formação física[19], foi e é ainda hoje a organização de campeonatos internos de diferentes modalidades, principalmente dos esportes coletivos e suas variações. Atualmente existem vários torneios no colégio, como o Robertão e a Robertona (futsal masculino e feminino), torneio de voleibol de duplas (masculino, feminino e misto), o chamado basquetrio (basquete de trios) etc.; todos esses torneios ocorrem fora do horário de aulas, principalmente nos finais de semana, e tem grande adesão dos alunos, inclusive os do período noturno.

Mas não foram apenas os torneios internos que se sobressaíram no colégio. As equipes esportivas, como a de futsal masculino e basquete feminino, também tiveram destaque em determinados períodos. O colégio sempre teve equipes de treinamento formadas por seus alunos, equipes essas que obtiveram destaque em campeonatos de federação, principalmente dentro da cidade.

Hoje a realidade já é um pouco diferente, ou seja, as equipes de treinamento cederam espaço às conhecidas escolinhas de esporte, essas criadas pelo Pe. Olivo em sua gestão como diretor, mudando também os objetivos a serem alcançados. Enquanto as equipes de treinamento estavam voltadas mais para o aspecto do rendimento, da competição em si, essas escolinhas visam proporcionar aos alunos do colégio uma oportunidade de conhecer um pouco

---

[18] Esporte no Colégio Divino Salvador. *Jornal A Voz da Esperança*, Jundiaí, 05/1979.
[19] Esporte no Colégio Divino Salvador. *Jornal A Voz da Esperança*, Jundiaí, 05/1979.

melhor sobre a modalidade que ele desejar. O Entrevistado 1 coloca que as escolinhas do colégio não têm como preocupação atual a revelação de atletas, elas funcionam como uma continuidade das aulas de educação física.

Oferece-se hoje como opção para os alunos e também para alunos de outras escolas, as escolinhas de futsal masculino, basquete feminino e masculino, voleibol feminino, ginástica olímpica, karate e natação. Algumas dessas escolinhas participam de campeonatos "menores", como é o caso do basquete feminino que disputa os festivais da categoria pré-mini e o campeonato mini com as cidades vizinhas, onde não existe uma caracterização de alto nível (Entrevistado 2).

2.4 - O BASQUETEBOL FEMININO

O Colégio Divino Salvador atualmente é conhecido e reconhecido como um colégio do esporte, e tudo isso é fruto de um trabalho bem sucedido que foi desenvolvido pelo colégio, e que acabou tomando dimensões que nem mesmos os envolvidos nesse trabalho acreditavam que chegariam.

Pe. Olivo sempre teve a idéia de oferecer uma boa área de recreação para que seus alunos pudessem praticar esportes também nas horas vagas. No entanto, nunca escondeu a sua paixão pelo basquetebol, e que seu grande sonho era montar uma equipe da modalidade dentro do colégio (Lunardi, 1977).

Foi então que o professor de educação física Angelo Nunes Dias, por volta de 1967, resolveu aproveitar a qualidade de uma única jogadora, Odilza, e criou uma equipe com as próprias meninas da escola para disputar os Jogos Colegiais[20].

[20] Da escola para o clube. Jornal *A Gazeta Esportiva*, São Paulo. 21/10/78.

2.4.1 - A Ascensão

Em 1970 essa equipe conquistou a primeira vitória nos Jogos Colegiais, título repetido no ano consecutivo. E em 1971 conseguiu se associar à Federação Paulista de Basquetebol e disputar os campeonatos promovidos por ela. Então no dia 16 de Abril deste ano fundou-se o Clube Divino Salvador[21] (Lunardi, 1977).

Animados por essas conquistas e entusiasmados com a possibilidade de fazer dessa equipe um destaque dentro do colégio e da cidade, Pe. Olivo, o técnico Nestor Mostério, funcionários, as jogadoras, os alunos e os próprios pais dos alunos começaram a se envolver com a equipe, gerando o que o Entrevistado 1 chamou de uma *febre de basquetebol dentro do colégio.* Cada vez mais o esporte educação, aquele de sentido mais global[22], ia se enraizando no colégio. E o interessante é que muitas das atletas vinham das categorias de base que eram desenvolvidas dentro do próprio colégio.

A equipe começou a ser conhecida também fora da cidade. Atletas de todo o estado de São Paulo, e também de fora, tinham o interesse de jogar pelo Divino Salvador (Entrevistado 1). Em março de 1975 a jogadora Paula, a grande "Magic Paula", veio compor a equipe com apenas 11 anos de idade. Vieram também jogadoras estrangeiras.

Todas essas necessidades de contratações e busca de reforços no exterior só demonstrava o que estava por vir: a equipe do Divino Salvador foi campeã dos Jogos Abertos de 1979 e sagrou-se deca-campeã juvenil estadual colegial em 1983. Algumas atletas da equipe passaram a ser convocadas para a seleção estadual e até para a seleção brasileira.

2.4.2 - O Auge

O Divino Salvador era agora um grande time, que no andar dos acontecimentos, viu-se próximo à hipótese de se associar a algum patrocinador,

---

[21] Para uma equipe ser filiada a federações, é necessário que haja a figura jurídica do clube.
[22] Esporte educação não como sinônimo de aula de educação física, mas o esporte como parte educação do ser humano como um todo.

para conseguir ainda mais reforços, apesar de temer às possíveis exigências não educacionais do patrocinador (Entrevistado 1). Foi quando surgiu a Cica Divino, no ano de 1988.

Segundo o Entrevistado 2, a Cica Divino era uma equipe que chamava o público para os jogos. Era uma equipe muito carismática, e que tinha bastante jogadoras da própria cidade, além de Paula e das estrangeiras que também conseguiam cativar as pessoas que iam ao ginásio para prestigiar a equipe. Esta foi uma equipe de sucesso com o público, mas que não ganhou títulos de destaque. Na verdade, ela serviu mais como uma preparação para a equipe do ano seguinte.

Em 1989 houve a entrada de um novo patrocinador, a Perdigão, dando origem então à equipe da Perdigão Divino[23], trazendo consigo Edson Ferreto como auxiliar técnico de Nestor Mostério. Esta foi uma equipe de destaque, que se sagrou Campeã Brasileira em 1989 e conquistou o glorioso título de Campeão Sul-Americano de 1990. Ainda neste ano conquistou o terceiro lugar no Campeonato Mundial (Copa Willian Jones), realizado na China.

2.4.3 - A Decadência

A Perdigão Divino foi a equipe que trouxe os títulos mais gloriosos que o basquetebol do colégio conseguiu. Era uma equipe realmente grande, que depois se tornou *grande demais* (Entrevistado 2). O Colégio Divino Salvador e o próprio Pe. Olivo começaram a ter pouca participação nessa equipe e a Perdigão praticamente tomou a frente da equipe.

A equipe vivia momentos de crise, que vinham caminhando desde o início desse patrocínio, porém prosseguia com o seu trabalho, visando a conquista do bi-campeonato brasileiro em 1991.

---

[23] Na entrevista com o Entrevistado 1, está indicado o ano de 1990 como de entrada da Perdigão na equipe do Divino Salvador. Porém, este erro cronológico foi retificado em conversa informal, e confirmada por um *outdoor* colocado no colégio que mostra as datas dos títulos da Perdigão Divino.

Com a derrota nessa competição, a equipe da Perdigão Divino praticamente desmoronou. O técnico Nestor Mostério deixou seu cargo para exercer a função de coordenador de educação física do colégio, ficando a equipe sob comando de Edson Ferreto, algumas jogadoras e o preparador físico foram dispensados, surgiram algumas lamúrias sobre os baixos investimentos do patrocinador durante essa temporada (Mazzoni, 1991). Enfim, a crise até agora camuflada veio à tona.

O Entrevistado 2 coloca que um dos pontos de discordância na equipe, e que surgiu com a entrada da Perdigão, foi a existência de dois líderes sob o comando da equipe, ou seja, Nestor Mostério e Edson Ferreto. Para ele, foi uma perda para os dois essa parceria, uma vez que como verdadeiros líderes deveriam estar cada um em uma equipe.

Sobre sua saída do comando da equipe, o Entrevistado 1 não coloca nada explicitamente, mas deixa expresso nas entrelinhas que aquele esporte que estavam fazendo, o esporte em que vencer é o único objetivo, não era o esporte que ele julgava estar de acordo com a filosofia do colégio, ou de qualquer outra instituição escolar. O esporte educação, no sentido global, cedeu lugar ao esporte de rendimento, esporte esse que não tem o intuito de formação dos alunos, mas apenas da vitória a qualquer custo.

Segundo o Entrevistado 1:

> *"A entrada do patrocinador, a cobrança do patrocinador, o elenco composto sendo o preferido pelo patrocinador, a relação patrocinador e mídia, as necessidades do patrocinador, o aparecimento do marketing da época fez com que as coisas fossem conflitantes."*[24]

[24] Citação extraída de trecho de entrevista oral do Entrevistado 1, cuja íntegra se encontra no ANEXO 2.

Alguns dias após a perda do bi-campeonato foi anunciado que o time da Perdigão Divino estaria chegando ao fim. A Perdigão deixou de patrocinar a equipe principal do Divino, por motivos de ordem econômica, mas continuou apoiando as categorias menores do colégio. Essa opção de apoiar as equipes menores foi sugestão do Pe. Olivo que, diante das dificuldades econômicas atuais, preferiu investir no futuro[25].

Em novembro de 1991 foi anunciado o término também das equipes menores do Colégio Divino Salvador. Essas meninas foram encaminhadas para outros clubes da cidade e também de outras cidades, como Piracicaba e Santo André[26].

Para o Entrevistado 1 a equipe foi muito bem sucedida até o momento em que o basquetebol foi praticado como educação, como parte do processo de educação dos alunos do colégio, onde os resultados só eram meras consequências do trabalho realizado. A partir do momento que os valores se inverteram e que o basquetebol deixou de ser educação, ou seja, passou a ter como mais importante o vencer ficou descaracterizada a função escolar que é a de educar e passou-se a fazer um esporte altamente competitivo, com características de um clube. Afirma ainda que isso ocorreu devido à entrada do patrocinador, justificando:

> *"Não dá para você falar para um patrocinador que o importante é só simplesmente competir e fazer educação. Existem outros retornos que eles (patrocinadores) querem."*[27]

2.4.4 - Significado da Equipe para o Colégio

O basquetebol feminino foi um marco histórico para o Colégio Divino Salvador. Apesar do término da equipe, as lembranças daquela época e os

---

[25] Perdigão explicou desativação do time principal de basquete. *Jornal de Jundiaí*, Jundiaí, 24/02/1991.
[26] Basquete está saindo do Divino. *Jornal de Jundiaí*, Jundiaí, 21/11/1991.
[27] Citação extraída de trecho de entrevista oral do Entrevistado 1, cuja íntegra se encontra no ANEXO 2.

significados desse esporte vitorioso estão presentes em todos os cantos do colégio, nas paredes, quadras, *outdoors*, fotos, sala de troféus e também na memória das pessoas.

Além de todo esse valor sentimental deixado pela equipe de basquetebol, ela também possui um importantíssimo papel no reconhecimento do Colégio Divino Salvador na cidade, ou melhor ainda, na propaganda do colégio. O Entrevistado 1 coloca que na década de 60 o colégio tinha 300 alunos e que na década de 70 esse número subiu para 3000, atribuindo esse valor de propaganda não só ao basquetebol, mas aos outros esportes desenvolvidos no colégio.

Havia um questionário na época, a ser respondido na ato da matrícula, em que uma das perguntas fazia referência justamente a como o aluno tinha tomado conhecimento do colégio. A maior frequência de repostas era de que haviam conhecido o colégio através do esporte.

O Entrevistado 2 coloca que além desse valor de propaganda, existe o valor das inúmeras pessoas que passaram pela equipe de basquete, e que hoje estão no colégio como funcionários, ou mesmo que se destacaram foram do colégio, como é o caso da atleta Paula. O valor afetivo é indiscutível quando se fala das amizades que foram formadas e preservadas até hoje.

2.4.5 - As Aulas de Educação Física e o Basquetebol

Na década de 60, quando o basquetebol do Divino iniciou seu processo de construção, a educação física no Brasil vivia uma época de consolidação de uma Educação Física Desportiva Generalizada, ligada justamente ao Método Desportivo Generalizado[28] (Betti, 1991). As escolas

[28] BETTI, M. A Educação física na escola brasileira. In: *Educação física e sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991, p. 64-132. O autor coloca que no Método Desportivo Generalizado é valorizado o contexto lúdico do esporte, buscando uma atividade física prazerosa e que valoriza-se o indivíduo como um todo. Neste método, o trabalho coletivo (em grupo) é valorizado, onde o esporte serve como meio para a formação e preparação do indivíduo para a vida; além disso, o esporte surge para oferecer a oportunidade de educação a todos os cidadãos. O Método Desportivo Generalizado foi uma reação contra os métodos da ginástica e uma forma de manter o esporte como contexto pedagógico da educação física.

começaram a adotar esse tipo de educação física, e o Colégio Divino Salvador não fugiu ao modelo vigente.

Foi justamente nas aulas de educação física que surgiram algumas equipes de destaque, que poderiam vir a disputar os Jogos Colegiais.

Os conteúdos trabalhados nas aulas de educação física, que eram estritamente de cunho esportivo, permitiam que os alunos ampliassem o seu vocabulário motor e serviam para que, nas equipes de treinamento, os movimentos dos alunos fossem transformados em técnica.

As aulas de educação física tinham uma importância muito grande na preparação para uma especialização esportiva, principalmente para os alunos de 1ª a 4ª série. O Entrevistado 1 completa dizendo que se trata de uma "iniciação universal de tudo em educação física", dentro das perspectivas de uma Educação Física Desportiva Generalizada existente na época.

Toda essa contribuição da educação física do colégio funcionou muito bem durante a época em que a equipe de basquete feminino ainda era composta por alunas do colégio. Depois da entrada de jogadoras de fora, principalmente com a chegada dos patrocinadores, a educação física perdeu um pouco sua ligação direta com o basquetebol.

O colégio seguia sim a linha esportiva nas aulas de educação física e continuou desenvolvendo o seu trabalho, mas deixou de exercer a função de preparar as alunas para atuarem nas equipes do colégio.

2.5 - O ESPORTE E SEU VALOR PARA O COLÉGIO DIVINO SALVADOR

O esporte representa um dos maiores bens que o Colégio Divino Salvador possui em toda a sua história de vida, desde a época do seminário, passando pela era do basquetebol feminino e chegando aos dias atuais. E durante essa longa história, o esporte se manifestou de formas diferentes em

cada momento, teve seus vários significados de acordo com a época em que se insere.

Além do valor propaganda, que no Colégio Divino Salvador foi muito forte, o esporte tem em si um valor educativo. O esporte única e exclusivamente com intuito de educar, com regras atitudinais e de disciplina, e que estão de acordo com a filosofia de um colégio (Entrevistado 1). E o mais importante disso tudo é um esporte onde todos têm a possibilidade de participar e que não esteja centrado no binômio vitória/derrota.

> *"O importante não é você vencer ou você perder, o importante é que atitude nobre você tem com o perder e com o ganhar."*[29]

Quando falamos em não estar concentrado nas questões de vitória e derrota, não significa que a competição está sendo negada. O Entrevistado 1 deixa claro que a competição é essencial na vida do jovem, na vida do adulto, uma vez que é um componente presente na vida do ser humano. A competição está em tudo que se vai fazer, principalmente no mercado de trabalho hoje em dia.

Então é preciso que um colégio, que tem a função de educar para a vida, eduque seus alunos também para a competição. Esses alunos têm que saber lidar com a competitividade, e é competindo que se aprende a competir.

Não estamos falando aqui do esporte sendo utilizado como meio para o aluno aprender a competir, mas do papel da educação física nesse trabalho de educar para a vida, de ensinar mais do que apenas 'jogar bola'. Qualquer disciplina escolar deve ter como intuito educar para a vida, e a educação física é uma delas.

Existe também o valor de integração do aluno, que é muito importante. O Entrevistado 2 coloca que muitos alunos que não se

[29] Citação extraída de trecho de entrevista oral do Entrevistado 1, cuja íntegra se encontra no ANEXO 2.

relacionavam com outros passaram a melhorar seu convívio perante a prática de atividades esportivas no colégio. Novamente não falamos do esporte como meio de integração, mas do esporte que conseguiu, em sua finalidade maior de educação, promover o melhor relacionamento daquele aluno perante seus colegas de escola.

Assim, o esporte é uma manifestação valorizada no Colégio Divino Salvador, pois o reconhecimento e o respeito que o colégio possui hoje na sociedade foi adquirido pelos inúmeros bons alunos que passaram pelo colégio, pelos cidadãos que fizeram parte da vida do colégio, mas também pelo esporte, e consequentemente pela educação física, que elevaram o nome do colégio e o consolidaram como uma instituição educacional do porte que é hoje.

Parte III

Considerações Finais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos relatos recolhidos e no referencial teórico utilizado podemos concluir que realmente o esporte está cada vez mais se solidificando como um fenômeno de diferentes manifestações e significados.

As tentativas de achar denominações para essas manifestações e significados do esporte não são poucas, tanto que ouvimos com frequência as expressões "esporte de rendimento", "esporte-educação", "esporte espetáculo", "esporte de participação". Porém todas elas vêm com o intuito de demonstrar que realmente o esporte "evoluiu" e está sendo trabalhado sobre diferentes óticas.

O esporte é um fenômeno cultural e social, construído historicamente, portanto constituindo-se como parte essencial da educação do ser humano. E quando falamos em educação, estamos nos reportando ao universo amplo da educação e não apenas à instituição escolar. O esporte é fator de educação não somente nas aulas de educação física, mas no clube, na rua, enfim em outros ambientes que não o escolar.

Estudando o caso do Colégio Divino Salvador pudemos notar que essa idéia vem sendo aplicada há algum tempo. A constituição das primeiras

equipes de treinamento do colégio surgiram com o intuito único de educação, de realizar um esporte mais sistematizado sem perder o caráter educativo.

Isso tudo é perfeitamente cabível. A criação de equipes de treinamento, ou escolinhas de esporte, no cenário escolar é uma idéia interessante, à medida que se cria a oportunidade de os alunos entrarem em contato com outro tipo de manifestação do esporte.

Porém, há de se tomar alguns cuidados quando se for colocar essa idéia em prática. É preciso estabelecer muito bem os objetivos pretendidos e os princípios norteadores de tal idéia, pois se isso não estiver bem claros, poderão surgir conflitos e fazer cair por terra o trabalho realizado.

Enquanto o trabalho no Colégio Divino Salvador foi realizado com o intuito único de educação, onde os seus próprios alunos compunham as equipes de treinamento, onde se tinha controle absoluto sobre essas equipes, tudo caminhou bem e o trabalho obteve sucesso. A partir do momento que o intuito maior deixou de ser a educação e passou a estar mais focado na competição de alto rendimento, os conflitos apareceram e encerraram um trabalho iniciado há anos.

E tudo isso aconteceu porque as coisas começaram a fugir do controle do colégio. Tanto isso é verdade que o comando da própria equipe de basquete feminino ficou muito mais nas mãos dos patrocinadores, com suas exigências não educacionais, do que com as pessoas do colégio, aqueles que realmente participaram de todo o processo de construção dessa equipe.

A equipe de basquetebol feminino do Divino, tão famosa pelas suas conquistas brilhantes, desfez-se justamente por ter perdido o caráter educativo e deixado que o princípio do rendimento a dominasse por completo. E como realizar um esporte, em meio a uma instituição escolar, onde tudo que esse esporte está demonstrando vai contra o que a escola prega? Como realizar um esporte em que a vitória está por demais evidenciada, em que os valores de rendimento são colocados acima de tudo, se o objetivo da escola é preparar o aluno para vida, cuja trajetória é feita de vitórias e derrotas?

Parece-nos que atualmente a preparação para a vida é a busca mais clara no processo esportivo do colégio. Concluímos isso a partir da observação do trabalho realizado nas escolinhas de esporte.

Ainda podemos citar o fator exclusão na situação anterior. Numa equipe de destaque como era a do Divino, principalmente na época da participação dos patrocinadores, as alunas que antes tinham livre acesso para participar das equipes de treinamento agora ficavam de fora dessa equipe, uma vez que contratavam-se jogadoras de clubes para jogar pelo Divino.

Reconhecendo que em equipes profissionais os espaços são reduzidos, ainda assim seria importante minimizar essa elitização na escola. Conforme afirma Betti (1999) todos os alunos têm o direito de participar de qualquer evento que exista na escola onde estudam. Excluí-los de uma equipe de treinamento seria no mínimo desrespeitar a sua integridade de aluno e também a ética da educação.

Devemos assumir que o sucesso e o respeito que o Colégio Divino Salvador tem atualmente perante a sociedade deve-se em grande parte a todo o desenrolar da história do basquetebol feminino. Essa equipe de basquetebol funcionou como arma poderosa de propaganda e divulgação do colégio, o que proporcionou um aumento significativo no número de alunos matriculados, permitindo assim o desenvolvimento e ampliação do colégio. Tanto isso é verdade que até hoje o Divino é conhecido como um colégio de incentivo ao esporte.

Esse fato é perfeitamente visível quando se pensa no efeito que o esporte causa sobre as pessoas. O esporte é capaz de conseguir imobilizar milhares de pessoas frente à televisão durante a abertura dos Jogos Olímpicos ou praticamente parar uma cidade como São Paulo durante as finais de um campeonato de futebol. O esporte mexe com as emoções das pessoas, justamente por lidar com imprevisível, com as inúmeras possibilidades que estão por vir.

Talvez tenha sido justamente essa emoção causada pelo esporte, agregada a outros valores subjetivos, que tenha feito o Divino perder as dimensões do verdadeiro esporte-educação naquele período.

Continuamos defendendo a criação de equipes dentro do cenário escolar, mas é preciso atentar-se a esses detalhes que fazem muita diferença para o bom andamento do trabalho.

Se o esporte atingiu tal repercussão em nível mundial e representa hoje um dos fenômenos sociais mais significativos para a humanidade, ele pode e deve ser apresentado no cenário escolar tal como ele é de fato, para que possa ser pensado, refletido e discutido. De nada adianta falar das dimensões inumanas do esporte se os alunos não têm a oportunidade de vivencia-lo nos seus diversos significados, isso é discurso vazio.

BIBLIOGRAFIA

Basquete está saindo do Divino. *Jornal de Jundiaí*, Jundiaí, 21/11/1991.

BETTI, M. A Educação física na escola brasileira. In: *Educação física e sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991, p. 64-132.

_____. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo: v. 7, nº 2, 1993, p. 44-51.

_____. Educação física e cidadania. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí: vol. 20, nº 2 e 3, 1999, p.84-92.

BRACHT, V. A gênese do esporte moderno. *In: Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997, p. 9-16.

BRASIL, Legislação do desporto brasileiro – Lei nº 8.672/93.

_____, Legislação do desporto brasileiro – Lei nº 9.615/98.

_____, Legislação do desporto brasileiro – Lei nº 9.981/00.

CASTELLANI FILHO, L. *Política educacional e educação física.* Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física.* São Paulo: Cortez, 1991.

Da escola para o clube. Jornal *A Gazeta Esportiva,* São Paulo, 21/10/78.

Esporte no Colégio Divino Salvador. *Jornal A Voz da Esperança,* Jundiaí, 05/1979.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 15ª ed., 2000.

GURGEL, P. S. & BINOTTO, D. P. ***Colégio Divino Salvador:*** *breve história de uma longa trajetória educacional.* São Paulo: Coleção Memória Salvatoriana, 1996.

GARRETT, A. M. ***A entrevista:*** *seus princípios e métodos.* Trad.: SAMPAIO, M. M. [et al.]. Rio de Janeiro: Agir, 10ª ed. 1991.

HERMIDA, T. O lugar da educação física na nova lei de diretrizes e bases da educação nacional: trajetória, limites e perspectivas. *Revista Paranaense de Educação Física,* vol. 1. nº 1, Maio de 2000.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte.* Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2ª ed., 1998.

LUNARDI, H. Divino Salvador, um clube de respeito. *Jornal de Jundiaí,* Jundiaí, 19/08/1977, p.12.

MANHÃES, E. D. *Política de esportes no Brasil.* Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MAZZONI, S. Devassa no Perdigão/Divino. E Branca fora. *Jornal da Tarde,* São Paulo, 06/02/1991.

MEZZADRI, F. M. A *organização do esporte e lazer no Brasil: da lei 3.119/41 ao projeto Pelé,* [199_?] (xerox).

MONTAGNER, P. C. ***Esporte de Competição X Educação?*** *O Caso do Basquetebol.* Piracicaba: [s.n.], 1993 (Dissertação de Mestrado).

MORAES, A. C. Esporte em amostra grátis: um pequeno quadro de representação de esporte dentro da escola. In: ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Florianópolis, Setembro de 1999. Ijuí: Sedigraf, 1999, caderno 2, p. 144-150.

PAES, R. R. ***Educação física escolar:*** *o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.* Campinas, SP: [s.n.], 1996 (Tese de Doutorado).

_____. Educação motora, escola e esporte. In: ANAIS DO II CONGRESSO LATINO-AMERICANO e III CONGRESSO BRASILERIO DE EDUCAÇÃO MOTORA. Natal: [s.n.], 2000, p. 21-24.

Perdigão explicou desativação do time principal de basquete. *Jornal de Jundiaí,* 24/02/1991.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico.* São Paulo: Cortez: Autores Associados, 17ª ed., 1991.

SOUSA, E. S. & VAGO, T. M. A educação física em face à nova LDB. In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (org.). *Educação física escolar frente à nova LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997, p. 121-141.

TRIVIÑOS, A. N. S. ***Introdução à pesquisa em ciências sociais:*** *a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.

TUBINO, M. J. G. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In: MOREIRA, W. W. (org.). *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas, SP: Papirus, 1993, p. 125-139.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Campinas, Setembro de 2000

Ilmo Diretor Pe. Divo Binotto,

Venho solicitar o consentimento de V. Sa. para a realização de um estudo no Colégio Divino Salvador - Jundiaí, como parte integrante de minha monografia de conclusão do curso de graduação em Educação Física, na modalidade Licenciatura, pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner.

O estudo tem como foco principal o enfoque dado ao esporte pela instituição escolar. Como parte desse estudo, pretendo realizar um estudo de caso de uma escola onde o esporte possui um espaço importante e reconhecido – daí o meu interesse pelo Colégio Divino Salvador – pelo qual possuo grande estima como ex-aluna e "conhecedora" do seu trabalho.

No que se refere ao colégio, farei um resgate histórico da trajetória da própria instituição e também de sua vida esportiva, dando ênfase à época do auge do basquetebol, com a Cica e a Perdigão. Para isso, utilizarei de pesquisa bibliográfica, buscando documentos sobre o assunto, e entrevistas com pessoas ligadas à história do colégio e de seu esporte.

Espero a compreensão e o apoio para a realização da pesquisa em questão. Espero que ele seja útil tanto para minha formação profissional quanto para o próprio Colégio Divino Salvador.

Sem mais, despeço-me.

Atenciosamente,

Vanessa Patrícia Rancoletta
Aluna
Registro Acadêmico: 971740

Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner
Orientador
Matrícula 21033-1 / D.C.E

ANEXO 2

ENTREVISTADO 1

Prof. Nestor José Mostério

Professor de educação física do ensino fundamental e coordenador de esportes e educação física do Colégio Divino Salvador - Jundiaí. Há 25 anos mantém vínculo com o colégio.

QUERIA QUE VOCÊ FALASSE UM POUQUINHO DA HISTÓRIA DO BASQUETE COMPETITIVO. COMO É QUE SURGIU? PORQUE ISSO NÃO VEIO ASSIM, DE UMA HORA PARA OUTRA. COMO SURGIU ESSA IDÉIA?

"Na verdade, não dá para falar do basquetebol sem falar da educação física. Foi uma época onde o colégio estava exageradamente enraizado com a educação física desportiva generalizada, foi exatamente quando esse tipo de educação física começou ser vinculada às escolas, e o colégio levou isso às últimas consequências, ou seja, é ... o esporte competição. Então através das aulas de Educação Física, naquela época turma de treinamento, nós começamos a ter algumas equipes de destaque. E naquela época o campeonato colegial de esportes era muito forte, era a coqueluche da juventude na época, porque ele começava na sua cidade e ia parar em ... com muitas plumas, com uma festa muito grande .. no Ibirapuera, que é o maior centro esportivo, se não é do Brasil, está entre eles. Então aquilo era muito fascinante, você estar no Ibirapuera, jogando as finais do campeonato colegial do estado. E o Divino começou a se entusiasmar com essa idéia, aí ficou campeão no primeiro ano, segundo ano, foi quando nós entramos para a federação, entramos para a federação e também com o mesmo empenho. Então o esporte educação foi cada vez mais enraizado dentro do colégio, o que nos dava, sobretudo, uma satisfação profissional muito grande e isso começou a virar o que a gente chama de uma febre de basquetebol dentro do colégio, onde os pais, os alunos, a própria cidade começou a se envolver com tudo isso. Isso gerou mais entusiasmo e consequentemente nós começamos a ganhar títulos em todas as categorias consideradas menores em nível de federação. Começou-se aí já a mistura do que era um campeonato colegial e do que era um campeonato de federação. E com isso as grandes revelações não só do estado de São Paulo, mas como do Brasil, tinham como vontade jogar no Colégio Divino Salvador, até pela própria estrutura que nós tínhamos aqui: a estrutura de um colégio, onde socialmente você tem todas as oportunidades para você se expressar, primeiro porque você tinha aquele talento de jogar basquetebol, você passava a ser reconhecida dentro do colégio, consequentemente dentro da cidade. Então, todos os ingredientes estavam sendo formados evidentemente para que essa coisa realmente desse certo, e foi o que começou o que acontecer. E a partir daí, nós começamos a ter grandes revelações e passar a ser conhecido no Brasil inteiro, foi o caso que começou a surgir Paula, começou surgir Helen, começou

a surgir Silvinha, começou a surgir Cintia, Alessandra, assim .. era muito fácil, as coisas aconteciam naturalmente. Esses talentos começaram a aparecer para o Brasil".

ENTÃO AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA TIVERAM A VER COM A CRIAÇÃO DA EQUIPE?

"É ... pra você ter uma base (...) nós precisamos de um professor exclusivo de basquetebol aqui no colégio, e ele tinha um vínculo muito grande com o basquetebol numa cidade muito pequena onde o passado esportivo das crianças eram as aulas do colégio estadual. Era a única vivência esportiva que ele tinha, em nível principalmente de educação física. Quando ele chegou aqui no colégio, eu pedi um planejamento .. 'Você faça um planejamento, que você vai trabalhar um ano inteiro com basquetebol'. Ele colocou no planejamento dele, como todo planejamento de basquetebol especialmente da época, uma sequência muito lógica, que era: conhecimento, desenvolvimento do próprio corpo, controle de bola, drible, aquela coisa toda. E ele entregou esse planejamento pra mim. Depois de vinte dias, esse professor me dizia o seguinte 'Professor, eu vou precisar refazer aquele planejamento', e eu dizia 'Por que?'. Ele falou 'Porque muitas das coisas que eu coloquei eu não vou precisar, porque as crianças já sabem, da iniciação já sabem'. Disse ' O que por exemplo". Ele falou 'As crianças já têm muita noção de bandeja, as crianças já tem uma facilidade, um controle corporal para a idade deles muito grande, e toda uma série de coisas que eu tinha colocado eles já sabem'. E ele me perguntava 'Alguém já ensinou isso?'. E tudo aquilo era fruto das aulas de educação física, especialmente de primeira a quarta série do antigo 1° grau. Então uma série de movimentos que normalmente os professores de basquetebol tinham que trabalhar, essas crianças já vinham alicerçadas dentro das aulas de educação física. Então isso era um adiantar muito grande. Então a aula de educação física tinha uma preparação e uma validade muito grande, principalmente integrando em nível de reconhecimento os professores de educação física da época, Beth, Márcia, que não tinham vínculo nenhum com o esporte competitivo, mas eram verdadeiramente reconhecidas pelo trabalho que elas faziam em nível da ginástica, em nível do atletismo, em nível dos movimentos, que depois era muito fácil para você transformar isso em parte técnica."

ESSE PROFESSOR QUE VEIO, VEIO PARA AJUDAR A EQUIPE DE BASQUETE?

"Única e exclusivamente para o basquetebol, nada com educação Física. O que eu quero dizer (...) a importância da educação física, de primeira a quarta série especificamente, na preparação para uma especialização esportiva. Ou seja, até essa idade, não existia especialização, existia uma preparação, existia simplesmente uma iniciação universal de tudo em educação física. 'Mas o senhor está falando em iniciação universal em educação física?'. Estou falando de educação física desportiva generalizada que era da época, eu não estou dizendo agora sobre cultura corporal da educação física, eu não estou falando

de dança, eu não estou falando de luta, estou falando da época, a relação que tinha educação física e as nossas aulas de basquetebol."

VOCÊ FALOU QUE A BETH, A MÁRCIA, ELAS NÃO TINHA VÍNCULO COM O ESPORTE COMPETITIVO. E VOCÊ, QUAL ERA SUA FUNÇÃO, DENTRO DO COLÉGIO, NA ÉPOCA?
"De técnico. Eu era técnico e, consequentemente, até para as coisas darem certo, (...) eu comecei a ter a própria função de coordenar todo esse movimento."

MAS ALÉM DA EQUIPE DE BASQUETE, VOCÊ DAVA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?
"Professor de educação física. Isso eu nunca abri mão dentro do colégio: de ser professor."

OS OBJETIVOS DE MONTAR A EQUIPE FORAM ALCANÇADOS?
"Na verdade, nós nunca pensamos 'Vamos montar uma equipe de basquetebol com os seguintes objetivos'. As coisas foram acontecendo naturalmente e enquanto nós fizemos esse basquetebol como educação, como uma continuidade da educação deles aqui no colégio as coisas deram certo, porque a gente pensava só em educação, não pensávamos em outra coisa; os resultados passaram a ser consequência de tudo isso daí. As coisas foram muito bem. Quando nós invertemos o processo, quando o esporte passou a ser nada mais nada menos que o mais importante vencer, ele deixou de ser educação. Foi quando nós começamos a ter os primeiros conflitos: uma instituição educacional gerando um esporte que em nenhum momento é educativo quando você fala 'O importante é vencer, o mais importante é vencer'. Foi quando nós optamos para não fazer mais esse tipo de esporte, porque naquela época nós já falávamos em exclusão, 'nós estamos excluindo muitos alunos, nós estamos transformando isso simplesmente num esporte competitivo muito forte'. Por quê? Porque entrou o patrocínio, e não dá para você falar para um patrocínio que o importante é só simplesmente você competir e fazer educação, existem outros retornos que eles querem. Essa parte foi muito conflitante: o patrocínio, a mídia e o colégio, a filosofia educativa do colégio, e a filosofia educativa das pessoas externas, as pessoas que tinham outros interesses por trás de tudo isso. Foi quando nós decidimos que a partir daquele momento nós faríamos simplesmente o esporte com as pessoas do colégio, como meio de recreação e de educação pura e exclusivamente."

A EQUIPE DUROU DE QUE ANO A QUE ANO?
"Nós fomos até .. nós fizemos a última equipe nossa competitiva, nós fomos até 92, quando era denominado Perdigão Divino." COMEÇOU QUE ANO? "O Perdigão Divino durou dois anos, foi 90 a 92, antes foi Cica, e ante disso era Divino ... Divino simplesmente, foi quando nós não queríamos fazer parcerias com o patrocínio exatamente temendo que isso poderia acontecer, as exigências não educacionais do patrocinador. E o que nós temíamos, aconteceu".

ESSE TIME DO DIVINO COMEÇOU POR VOLTA DE QUE ANO?
"Nós temos muitas histórias, até de outros professores de educação física que participaram realmente nesse processo aí. Mas ele começou por 68, 67 especificamente."

E O QUE VOCÊ ACHA QUE SIGNIFICOU PARA O COLÉGIO A EXISTÊNCIA DESSA EQUIPE? OS PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS.
"Vou te contar uma passagem. (...) O colégio, na década de 60, tinha 300 alunos. Foi começou esse movimento esportivo dentro da cidade. Na década de 70, o colégio deu um pulo para 3000 alunos. Nas matrículas, quando as pessoas chegavam, existia uma pesquisa para saber como as pessoas vinham pra estudar aqui tinham conhecido o colégio. Então 'Você conheceu através de um amigo? Você conheceu o colégio pela imprensa? Você conheceu o colégio de que forma? Outros?' Nesse 'outros' eles colocavam 'Conheci o colégio através do esporte'. Então você vê o que representou o esporte na vida do colégio: foi a maior propaganda que podia existir pro Colégio Divino Salvador. Então hoje é um colégio de 3200 alunos, e a gente não tem sombra de dúvida que o esporte tem uma participação no crescimento do colégio muito grande. Foi quando as pessoas começavam a procurar uma educação integral, onde o esporte também poderia ajudar. Então, se você perguntar o que de maior o esporte deixou, foi exatamente isso: para nós professores de educação física foi que nós levamos realmente a educação física como ela deveria ser feita, ela foi tão boa tão boa que começou a acontecer isso, os objetivos foram tão elevados que ela levou um colégio de 300 alunos para 3000 alunos".

NA ÉPOCA, DA EQUIPE DA EQUIPE, VOCÊ FALOU QUE O PANORAMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ERA MAIS OU MENOS AQUELE VOLTADO PARA O ESPORTE, ERA DA ÉPOCA MESMO. E HOJE? ISSO MODIFICOU MUITO AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, OS CONTEÚDOS? OU NÃO SE MODIFICOU?
"Exatamente. Nós não podemos ser conflitantes. Nós não podemos fazer uma educação física, onde ela tenha que se adaptar aos alunos; esse é o conceito: a educação física que se adapta ao aluno e não mais o aluno que se adapta a educação física. Quando você fala de uma educação física de movimento, você proporcionar movimento pra todas as pessoas ... porque quando você fala em inclusão não dá pra você fazer uma coisa só, porque a pessoa que não gosta dessa coisa está excluída. Então, na verdade, até obedecendo como um parâmetro, como o próprio nome já diz, os Parâmetros Curriculares, a gente começou a dar mais oportunidades, desenvolvendo exatamente não só o esporte, mas a própria dança, visto que hoje mesmo .... ontem nós encerramos nosso festival de dança que todo ano a gente faz, que é um trabalho pedagógico, as próprias lutas que a gente tem aqui, e outras atividades para que a gente dê essa oportunidade, coisa que não era feita nessa época, e consequentemente a gente abriu como um continuidade para que as crianças

possam fora a educação física conhecer um pouco melhor sobre essas coisas nas nossas escolinhas. Então as nossas escolinhas não têm a preocupação hoje de revelar atletas. Aliás, infeliz das escolinhas que abrem com a preocupação de revelar atletas, porque se você ficar vinte anos sem revelar atletas, simplesmente seu trabalho foi nulo, ele foi inexistente. Então o aparecimento de um talento é simplesmente a consequência de um trabalho realizado, como oportunidade, principalmente educativa, de se educar para a vida. Então as escolinhas nossas foram abertas exatamente para isso: o garoto que quer saber mais sobre futebol, que quer saber mais sobre a dança, que quer saber mais sobre o karate, ele tem essa oportunidade de prosseguir a respeito disso, sendo que antes ele já teve uma iniciação esportiva. Ele tem uma iniciação geral de conhecimento de todos os esportes, de todos os movimentos e assim por diante, e mais futuramente, se ele quiser conhecer um pouco mais a respeito desse esporte, ele tem coisas mais específicas a respeito disso."

PELO QUE EU PUDE ENTENDER, NAQUELA ÉPOCA O QUE PREDOMINAVA ERA O ESPORTE E NÃO ERA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA VOLTADA, VAMOS DIZER ASSIM, MAIS PARA A EDUCAÇÃO, MAS MAIS VOLTADA PARA A APTIDÃO FÍSICA. AGORA A PERSPECTIVA É OUTRA?

"Sem dúvida nenhuma. Especialmente para os acadêmicos de hoje, é meio difícil de entender esse tipo de coisa, não por falta de inteligência, mas por vivência. Quando você começa a brotar dentro de você o verdadeiro sentido da educação física hoje, você vai falar 'Mas era uma cambada de ignorantes'. Quando se dizia 'Você serve, você não serve, você está fora', você vai falar 'Pô, mas que educação é essa?', mas era a educação da época, era a educação da época, era o conceito que se tinha, tanto é que nós fomos às últimas consequências. Você vai falar 'Mas como que pode isso?', então eu te devolvo uma pergunta 'Como que alguém não pensou que uma cesta, uma caixa de pêssego, se você tirasse o fundo, não precisa de alguém subir lá para tirar a bola de dentro? Como que alguém teve que demorar tanto anos para saber que, se furasse a parte de baixo, a bola cairia direto?'. Então é história, tudo isso é história. O que eu quero relacionar é exatamente isso: que a primeira bola de basquete caia numa caixa de pêssego e alguém subia numa escada e tirava a bola de dentro, o jogo continuava; então essa relação que eu quero fazer que a educação física era essa, não tinha uma coisa que falasse 'Não, mas ali é diferente', não. Educação física desportiva generalizada, era a da época. Era época onde os grandes pensadores da educação física vinham para o Brasil e diziam 'Olha, é assim que faz'. Então nós fizemos, 'já que é assim, vamos fazer isso, porque é isso que nós temos que fazer'. Então quando hoje a gente sente que muito pelo contrário que tipo de educação é essa que para 'você eu educo e você eu não educo', ou seja', 'você me serve e você não me serve', isso não é educação. Nós como instituição educacional, Colégio Divino Salvador, temos que evidentemente estar preocupados com isso, com pena de custar para nós a exclusão de uma equipe de basquetebol conhecida internacionalmente, que nós

levamos tanto à última conseqüência, que nós fomos disputar um torneio mundial na China, e de repente nós dissemos 'Não, isso não é educação, esse tipo de esporte não é educação'. Há dez anos atrás nós falamos de um esporte na escola, um esporte da escola, com as nossas regras; um esporte que a gente possa praticar, adaptando a todas as pessoas. Foi aí o grande final de uma equipe que, quando o Brasil em basquetebol feminino foi campeão do mundo na Austrália, nós tínhamos, de doze meninas, seis reveladas no Colégio Divino Salvador. Então veja bem, uma equipe campeã do mundo, onde você tem seis meninas reveladas em um único lugar, realmente a coisa é muito forte. Nós não pensamos duas vezes: desse tipo que o esporte é feito, nós não podemos trazer para dentro do colégio."

VOCÊ ACHA QUE ENQUANTO NÃO TINHA O ENVOLVIMENTO DO PATROCINADOR, ESTAVA INDO BEM, DEPOIS QUE O PATROCINADOR ENTROU QUE PIOROU? OU JÁ ESTAVA RUIM?

"Não, sem dúvida. Você vai ouvir muito as pessoas, e seria muito legal, você vai ver que isso é contundente. Muitas pessoas não pensam assim, mas eu particularmente. A entrada do patrocinador, a cobrança do patrocinador, o elenco composto, sendo preferido pelo patrocinador, a relação patrocinador e a mídia, as necessidades do patrocinador, o aparecimento do marketing da época fez com que as coisas fossem conflitantes. Mais do que nunca, tudo que estou falando pra você (ocorreu) há dez anos atrás, e hoje cada vez mais - você tem lido - começa a aparecer o que é o esporte na escola, o que é inclusão, a exclusão e assim por diante. Essa preocupação nossa veio há dez anos atrás."

E QUAL VOCÊ ACHA QUE É O VALOR DO ESPORTE EM GERAL, DA ENTIDADE ESPORTE, PARA O COLÉGIO?

"Eu acho que hoje estou muito mais a vontade para falar isso. Quando a gente pegou e começou a falar que o esporte única e exclusivamente como meio de educação, a gente está muito a vontade, porque a gente começou a fazer o esporte que a gente pensa que é realmente, nós não entramos num sistema. Então você fala 'Mas o Divino não faz nada em nível de esporte?'. Nós fazemos sim. Nós temos basicamente oito ou nove modalidades esportivas sendo feitas aqui dentro do colégio, só que com as nossas regras, em todos os seus níveis; são regras atitudinais, são regras de disciplina, são regras conceituais que a gente levou, nada mais nada menos, como uma continuação das nossas aulas de educação física. Então são esportes onde a gente dá oportunidade para todos, onde todos aqueles envolvidos participam, de uma forma ou de outra, mas principalmente como uma filosofia. O importante não é você vencer ou você perder, o importante é que atitude nobre você tem com o perder e com o vencer. Isso não quer dizer que nós não temos conflitos, nós temos conflitos. Mas é exatamente ... hoje o esporte, qual é o grande conflito do esporte? O grande conflito do esporte é que nós temos o pessoal que não desenvolve a competição, dizendo que o esporte tem que ser cooperação e a competição ela simplesmente pega e exclui. E nós aqui no colégio pensamos diferente, nós

temos uma outra linha onde a competição é essencial na vida do jovem, na vida do adulto, porque quando você pega e fala, principalmente uma nova Lei de Diretrizes e Bases da nossa Educação que você tem que preparar para o trabalho, e você exclui da competição, você está negando nada mais nada menos que a criança desenvolva uma coisa fundamental no trabalho hoje em dia, que é a competitividade. Você só ganha competitividade competindo, essa é a verdade. (...) O grupo de cooperação tira a competição. E nós continuamos sim com a competição aqui, só que é uma competição que nós temos o controle; são competições principalmente internas, onde a gente quer dar essas atitudes nobres. São muito mais conceitos atitudinais das nossas exigências. E como eu falei, nós estamos simplesmente ainda continuando a educação física que você pratica, que é preparar para o trabalho também, preparar para a vida também, através da competição sim, porque só ganha competitividade quem compete. Temos problemas? É lógico que temos problemas. Em alguns torneios saem algumas discussões, algumas brigas? Saem, lógico que saem. Você tem algum garoto que entra em conflito e saem algumas agressões? É lógico que saem. Mas educação é fato, educação é o que está acontecendo ali, agora, nesse momento. Eu tenho que agir com isso. Eu não posso pensar 'Olha, você vai ter problemas daqui trinta anos'. As pessoas não pensam nem em aposentadoria daqui há trinta anos. Não dá para uma criança pensar. Nós temos que pensar agora. Então esse é o verdadeiro papel nosso: é simplesmente dizer que isso não vale a pena, que o perder ou ganhar está presente em todos os momentos. Não estou falando daqueles exemplos banais 'A vida é competição. Na rua, quando você passa, alguém vai na frente...'. Não, eu acho que isso é muito vulgar. Eu estou falando coisas de vida mesmo. Hoje a gente fala em ética. Não dá pra você ensinar ética sem a criança estar sob pressão, porque eu e você aqui agora falar sobre ética é muito legal, mas eu quero saber se você vai usar a ética quando você estiver pressionada, quando você for uma candidata e você tiver alguém concorrendo com você, quando você estiver disputando um cargo. O que você faz com o vestibular quando você entra ou quando você não entra? Você se atira do 13º andar? O que você faz com tudo isso? Quem é que vai ensinar essas crianças? A vida, quando elas tiverem trinta, quarenta anos, quando elas estiverem disputando emprego? Não. É agora. Então nós defendemos a competição sim, porque eu não posso aqui agora vender que isso não serve e tudo mais, e você vai lá para o pátio agora e você vai ver um campeonato. Você está vendo as pessoas entrarem e pegarem medalhas aqui, só que são medalhas iguais e para todos, e são medalhas que simplesmente vão mostrar uma lembrança, não o lugar que eles pegaram, se foi o primeiro, se foi o segundo, mas uma lembrança da participação da vida esportiva do colégio. Então é por isso que esses professores pegam e saem com medalhas, mas são simplesmente medalhas iguais para todo mundo, de participação. É uma lembrança, uma experiência que você leva sobre a competição esportiva pra sua vida. Tudo isso para nós também é novo, mas ninguém pode negar que é audacioso, porque quem deixa de fazer uma equipe de basquetebol conhecida internacionalmente, que revela seis meninas campeãs do mundo, único título que o Brasil tem até

agora, e começa a praticar uma educação física, realmente é um departamento corajoso. E é nisso que a gente está se aperfeiçoando. Com falhas? Lógico que nós temos falhas, mas queira ou não queira, é uma cultura nova ainda da educação física. A gente está a cada dia se aperfeiçoando."

MAIS ALGUMA COISA A DIZER?

"Na verdade, que é muito difícil tudo isso (...). É um testemunho sincero, é uma prática embasada, é uma prática vivida. Então, eu acho que isso é muito legal, que as pessoas vivenciem a teoria. E essa teoria, para levar para a prática, a gente tem sentido dificuldade, mas é que a gente partiu do seguinte: ou é assim ou excluímos a educação física do colégio. Senão nós vamos começar a ter aqui 'tomadores de conta', que a gente tem outros funcionários, que podem fazer. Ou nós fazemos um esporte educação ou nós fazemos essa relação (...). Simplesmente não dá para fazer esporte na escola sem ter uma relação com a educação física, não tem como, porque senão você vai dizer uma coisa e praticar outra e isso não é legal, isso não é testemunho. Então essa relação hoje (...) o esporte que nós praticamos tem que ser uma continuação da educação física, e a educação física pra nós é simplesmente isso: que eles levem coisas para a vida, que eles levem coisas para o trabalho, que eles levem coisas que realmente marquem. Que eles saiam do terceiro colegial dizendo 'A educação física me ensinou isso, isso e isso', o que eles simplesmente não falam. 'Olha, o que a educação física te ensinou, cara?', e ele vai falar 'Jogar bola, eu joguei bola'. Isso é muito vulgar, isso é muito vazio, 'aprender a jogar bola'. A gente quer que realmente ele tenha outros conceitos a respeito da educação física."

ENTREVISTADO 2

Profa. Lúcia Helena Scarpelli Gumeratto

Professora de educação física do Ensino Fundamental e Médio e no curso de Magistério do Colégio Divino Salvador. Administradora da escolinha de basquetebol feminino do colégio, nas categorias pré-mini e mini, que disputam a Associação Regional de Basquetebol. Há quase 28 anos mantém vínculo com o colégio.

QUERIA QUE VOCÊ FALASSE UM POQUINHO DA HISTÓRIA DO BASQUETEBOL COMPETITIVO DO DIVINO. COMO É QUE SURGIU A IDÉIA DE MONTAR O TIME?

"Eu acho o seguinte ... como todo time, como todas as pessoas que são apaixonadas pelo basquete, sempre há uma pretensão, uma euforia em querer crescer, ser um time grande. E o Divino começou pelos campeonatos colegiais e depois era o time grande da cidade, onde as próprias meninas do colégio disputavam todos os campeonatos da federação e mais Jogos Regionais e Jogos Abertos. Com tudo isso, os times de outras cidades foram crescendo, e as meninas do Divino também foram crescendo em potencial; há cada ano ou outro sempre havia uma convocada para a seleção paulista, para um Jebs, um Jubs, até a seleção brasileira. E o entusiasmo começou a ser bastante grande por parte do diretor, por parte do técnico, principalmente por parte do padre Olivo, que era um apaixonado por basquete. E sempre a gente quis ser um grande time perante os outros, e esse grande time não era só na parte tática, técnica, mas também um grande time competitivo, onde para isso você precisaria em determinadas épocas até de jogadoras estrangeiras para conseguir um nível onde o Brasil estava na época, num nível técnico mesmo perante todos os outros. Então foi a idéia de tentar um patrocínio muito grande, um patrocínio bastante grande, trazer outras jogadoras e mais as estrangeiras para Jundiaí. Foi quando surgiu a idéia da Cica Divino. Um patrocínio bastante grande da Cica, juntamente com o Divino, que fez crescer esse basquete que eu acho, nos dias de hoje, entre Cica Divino, Perdigão Divino e Quaker Jundiaí, a Cica Divino era o time que chamava público. Era um público muito grande, o entusiasmo muito grande, porque além de tudo tinha jogadoras natas, tinha jogadoras de Jundiaí Então era um time da cidade, apesar das jogadoras que vieram de fora, era um time bastante da cidade mesmo. E o carisma da Paula .. nós tivemos uma felicidade muito grande das duas americanas que vieram para cá (...), elas tinham um carisma muito grande para com o público também. Então a Cica foi um grande time, foi um time grande em competição e grande para Jundiaí, porque era um time bastante carismático. Por isso você vê em termos de comparação entre as três épocas que nós tivemos, a Cica muito perto da Perdigão e hoje, um pouco longe em termos de tempo, a Quaker, mas era um time que chamava muito público. Então o jundiaiense gostava muito de prestigiar a Cica Divino. E depois com isso a Cica saiu, veio a Perdigão, da qual

eu fazia parte dentro do colégio, mas não cheguei a jogar pela Perdigão, um time bastante grande. Mas aí ficou grande demais e o Divino começou a não ter uma parte muito grande. Todo mundo sabe que o padre Olivo era uma pessoa muito influente na federação, e ele ficou quase que não muito influente nesse time da Perdigão. Então, com o técnico que nós tínhamos, na época era o Nestor, e ao mesmo tempo trouxeram como assistente que eu achei que, me desculpe, na época foi uma perda para os dois, porque dois líderes ao mesmo tempo é complicado. O Nestor justamente com o Ferreto, eram dois líderes e deveriam estar cada um em um time, e não os dois juntos. Houve um rompimento; não tiveram discussões, mas os dois juntos não deu muito certo. Houve um rompimento ... o Nestor saiu dizendo deixar para com o Ferreto o time, foi onde o time realmente acabou, porque a Perdigão saindo, o Divino consequentemente também iria sair. Foi uma perda grande que nós tivemos, um fim não muito feliz para quem estava por trás dos bastidores. Eu também achei que foi por Jundiaí, porque perder um time como a gente tinha foi difícil. Mas o time competitivo se torna bastante caro, e a partir do momento que se torna muito, muito, muito caro, esse patrocínio tem que ser muito grande, as pessoas que o dirigem têm que ser muito competentes. Não que as pessoas não fossem competentes na época, mas uma estrutura tem que ser muito grande, e esse time tinha que ter até mais times na época iguais a ele para se disputar, porque senão o patrocínio não tinha o porque gastar tanto e só no final realizar um jogo e acabou. Foi quando tudo acabou, infelizmente!"

VOCÊ FALOU DOS OBJETIVOS ... QUE VOCÊS TINHAM EM MENTE MONTAR UM TIME GRANDE E QUE SURGIU ESSA NECESSIDADE. VOCÊ ACHA QUE ESSA JUNÇÃO COM O PATROCÍNIO FOI BOA?

"Por um lado, muito boa, porque ele ajudava bastante na parte financeira. Porque o time começa a ser um time grande, e nós trouxemos a Paula, na época a Suzete, as duas americanas na época da Cica, que passou de Divino para Cica Divino. Então assim havia uma certa desconfiança de determinadas pessoas de que o dinheiro todo do colégio talvez estivesse indo para esse time, e não era nada disso. Havia uma ajuda, por uma parte que eu digo talvez do colégio, mas muito era irrisória essa parte, e isso repercutia muito, porque queira ou não, o Divino era o Divino como é até hoje, repercute o Divino da época do basquete. Logicamente é um colégio conhecido pelos bons alunos que aqui passaram, pelos inúmeros alunos que nós colocamos em faculdade, e eu acho assim, como educadora, pelas inúmeras pessoas, pelos inúmeros cidadãos que nós temos hoje em Jundiaí. Isso é o objetivo de um colégio: não é só colocar na faculdade, mas ter pessoas na sua cidade que frequentaram o Colégio Divino Salvador. Mas o Divino sempre foi muito conhecido como um time de basquete, e até hoje é conhecido como time de basquete ou como colégio do esporte."

E O QUE SIGNIFICOU PARA O COLÉGIO A EXISTÊNCIA DESSA EQUIPE? OS PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS PARA O COLÉGIO.

"É ... foi o que eu já disse. Os pontos positivos foram o incentivo que ele (colégio) dava para o esporte, principalmente para o basquete, as pessoas que aqui passaram. Como eu já disse, nós tivemos muita sorte de ter atletas exemplo, como a Paula, as próprias americanas que aqui estiveram, as outras meninas que aqui passaram como atletas exemplo e que hoje são professoras formadas e ainda trabalham no colégio, as que não são professoras e trabalham no colégio em outros departamentos e outras pessoas que nós temos ainda na sociedade que foram as jogadoras. Então acho que isso é um ponto muito positivo. E lógico que a propaganda, porque fora tudo isso, nós ainda precisamos de propaganda, e o basquete era uma propaganda para o colégio, foi uma propaganda muito grande para o colégio. Agora por um outro lado talvez o crescimento muito grande, que o Divino sozinho não conseguiu suportar e precisou da ajuda da Cica, da ajuda da Perdigão, onde na época da Perdigão eles passaram a quase que a tomar conta disso, deixando um pouco de lado uma pessoa positiva que era o padre Olivo. Então eu acho que isso foi muito triste. E infelizmente eu volto a falar que esse time de basquete não era prejuízo para o colégio, em termos financeiros nunca foi, porque todas as meninas que jogavam ... a gente trabalhava, a gente era registrada, e o padre Olivo sempre colocou o trabalho a frente do basquetebol. Então o que era ajuda de custo, que era dada, era uma bolsa de estudo de uma faculdade que era a prefeitura que ajudava a gente, era a própria bolsa de estudo que atleta tinha aqui no colégio, e hoje a gente tem bastante isso. O Divino ajuda a prefeitura, tem convênio com determinados clubes. Então é um colégio católico e eu acho que tem esse direito, esse dever de ajudar quem precisa."

A SUA FUNÇÃO NA ÉPOCA ERA DE ATLETA?
"Era."

VOCÊ ERA EXCLUSIVAMENTE ATLETA?
"Quando eu cheguei em Jundiaí em 73, eu cursei o 2º colegial, e em 74 o 3º colegial. Aí imediatamente eu já entrei para a faculdade. O padre Olivo dava um ofício pra gente, mais ou menos assim: a gente trabalhava na secretaria, outras davam escolinhas, a outra ajudava na matrícula, outra ajudava no barzinho. E eu, como atleta e já estudante da faculdade de educação física, no primeiro ano, eu ajudava muito a trabalhar na secretaria, não era da área; e quando chegou o segundo ano da minha faculdade, foi a época que o Ângelo saiu e eu e o Nestor assumimos. O Nestor assumiu o time das categorias menores e já imediatamente as maiores, e eu assumi as aulas, juntamente com ele, do Colégio Divino Salvador."

VOCÊ ASSUMIU JÁ COMO PROFESSORA OU AUXILIAR?
"Como professora ... como professora, já no segundo ano de faculdade."

QUERIA SABER SE O TIME DE BASQUETE, A EQUIPE, TINHA ALGUMA COISA A VER COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. ELAS TIVERAM ALGUMA LIGAÇÃO OU NÃO?

"Por exemplo, como hoje a gente faz, e sempre foi feito aqui no Divino, a atleta não é dispensada da aula de educação física. Pelo contrário, nós sempre tivemos atletas estudando aqui. Os próprios meninos do Jundiaí Clube, hoje Dr. Geraldo, o próprio Nestor, o Milani, o Minho, nós mesmas (...), a Paula. A Paula nunca foi dispensada de uma aula de educação física, porque a gente fazia com que a aula fosse independente dos treinamentos, então treinamento a parte; se você fizesse uma exceção a ela, você teria o direito de fazer, ou o dever de abrir exceção para outros atletas que aqui estudavam. Então até hoje todos os atletas que aqui passaram não foram dispensados da aula de educação física. Não é o 'não foram' por uma maldade, pelo contrário, 'Ah, estou castigando'. Pelo contrário, as nossas aulas de educação física eles faziam com muito carinho. Pelo contrário, na aula de educação física eu presenciei como jogadora e depois como professora, as próprias meninas que jogavam comigo, que eram minhas alunas; elas tentavam ajudar da melhor maneira possível as outras meninas que, em determinadas táticas da educação física, teriam uma dificuldade, se assim posso chamar. E era vice-versa, porque às vezes quando havia um jogo de vôlei, às vezes uma outra atividade, as outras meninas davam uma ajuda para essas jogadoras. Então sempre foi muito conciliado. Até hoje, qualquer atleta, seja do handebol, do voleibol de Jundiaí, elas não são dispensadas da educação física."

UM PANORAMA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. COMO ERAM, QUAIS OS ASPECTOS DELA NAQUELA ÉPOCA E HOJE? MUDOU ALGUMA COISA?

"É .. lógico que a gente sempre quando fala em aula de educação física, a gente sempre vê uma mudança e a gente sempre quer tentar acompanhar o que está acontecendo aí fora. Que os nossos alunos também tenham essa elevação que a gente tem, perante os Parâmetros Curriculares. As nossas aulas de educação física, quando eu estudava no Divino, a gente jogava. Tinha o professor e a gente jogava o que a gente gostava. O Divino sempre foi alguma coisa forte na educação física. Então a gente sempre tinha jogos de basquete, jogos de vôlei - os meninos, naquela época separados, jogos de futebol, era isso mais que a gente fazia. Aí depois, quando eu e o Nestor começamos a dar as aulas aqui, a gente pegou uma época dos anos 70 aos anos 80, como aluno da faculdade, era bem o esporte que era a parte forte da educação física. Então nós tínhamos todos os tipos de esportes. A gente tentava fazer os jogos mirins, como a gente tem até hoje, que é para as crianças de 3ª e 4ª séries, o Robertão, que é para os alunos do Colegial e 8ª séries, os jogos interclasses, e agora com essa inovação, principalmente dos Parâmetros Curriculares, a gente tenta inovar, mas não perder essa linha, porque é uma linha esportiva mesmo da escola. E a criança gosta de jogar. Ela gosta de fazer o jogo dela e o esporte. Então, a gente tenta ter o jogo, o esporte, a ginástica e, agora, com esse aparecimento também da dança,

há três anos que a gente tem festivais de dança na escola. É mais uma oportunidade para a criança dentro da escola. A própria luta. Então às vezes a gente não dá a dança de salão, a dança específica, mas você trabalha com o ritmo da criança. E a dança fica sendo, como todos os outros, mais uma opção para a criança, para o aluno dentro da escola."

ALÉM DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SÃO DESENVOLVIDAS AS ESCOLINHAS. E ELAS COMEÇARAM A EXISTIR QUANDO?

"Essas escolinhas foram criadas com o padre Olivo, quando ele estava aqui ainda. O padre Olivo deixou de ser diretor em 92. Então há bastante tempo nós temos as escolinhas de natação, karate, ginástica olímpica, basquete feminino e masculino, futebol, voleibol. E elas foram muito bem aceitas pelas crianças da escola. Uma ou outra a gente faz a parte de competição, mas assim nada muito ... não digo não sério, pelo contrário, é bastante sério dentro daquilo que a gente pode participar, daquilo que a gente pode fazer. Então nós fazemos a iniciação, vamos supor que eu estou dizendo para o basquetebol feminino, e as meninas depois partem para uns festivais, que a gente chama de categoria pré-mini, que é feito em cada cidade durante oito meses, depois os quatro primeiros colocados vão para as finais. E a gente participa do campeonato mirim, que é a categoria que está dentro da nossa escolinha, que são as cidades aqui por perto, bastante cidades voltadas ... uma ou outra para colégio, mas nada assim de alto nível."

QUAL VOCÊ ACHA QUE É O VALOR DO ESPORTE, DA ENTIDADE ESPORTE, PARA O COLÉGIO?

"Eu acho que, tirando um fator bastante grande do esporte de uma propaganda ... talvez esse não seja o valor maior para o professor de educação física, mas eu me enquadro dentro de um colégio onde eu dou aula. Então eu acho que a gente tem que ter um valor, que você tem que mostrar para os pais, você tem que provar para o pai que aquilo é bom para o filho dele, o que é o valor propaganda. O esporte tem que estar na propaganda da escola, porque se você não propagar aquilo que você faz de mais sério, quem vai propagar para você? Então o professor de educação física tem que mostrar o que é bom para o filho que está sendo matriculado na nossa escola. O valor educativo. Queira ou não, quando a criança está praticando esporte, está sobre o comando do professor de educação física, ele não está voltado para as drogas, ele não está voltado para outra uma coisa que não é 'normal' para uma criança, um adolescente. E a integração do aluno, e isso eu falo de boca cheia, porque a gente tem inúmeras crianças que não se relacionavam com outras crianças e, através do esporte, houve uma relação muito grande, a gente procurou com ajuda essa integração mesmo, que é feita com o esporte ... essa ajuda que a gente vai dando para a criança e ela vai se integrando, se interando com os outros, e isso é muito importante. E não vejo o fator competitivo, mas é o seguinte: todos têm o seu valor. Toda criança, todo adolescente tem o seu valor, e nós temos que incentivar. A obrigação do professor é incentivar essa criança. E se ela for uma

pessoa nata para aquilo, nós temos que ajudá-la a competir, e mesmo que ele não seja o melhor naquilo que está praticando, mas que a gente ajude essa criança a praticar da melhor maneira possível. Então nunca nós devemos abandonar os talentos, os talentos têm que ser talentos, mas nunca nós devemos abandonar o aluno que não consegue, que não é capaz; ele vai ser capaz de fazer da maneira dele. Então um aluno tem que ser incentivado para tudo: para ser talento, para ser o melhor se ele é capaz. Nós não podemos deixá-lo abandonado. 'Ai, fica na mão de outro'. Não, eu tenho que dar um incentivo para esse talento. Mas eu não posso condenar nunca aquele que não é capaz de fazer. Eu tenho que fazer com que ele participe dos jogos, do esporte, da dança, da luta, para ele conhecer e procurar fazer da maneira que ele consegue. Eu acho, para mim, que o aluno que participa e consegue fazer da maneira que ele é capaz, ele já é feliz."

VOCÊ GOSTARIA DE FALAR MAIS ALGUMA COISA?

"Ah .. eu gostaria de deixar uma mensagem para os professores que estão começando agora, para sempre incentivarem as crianças. Mesmo aquele que não consegue, que não é capaz, como eu acabei de falar. A criança te questiona muito com regras, porque daquilo que ela gosta ela procura saber a fundo. Mas você sempre tem que dar um jeitinho, porque se a tua criança não consegue dar uma saque atrás da linha do voleibol, deixe que ela dê dentro da quadra. Não tem importância. Um dia ela vai fazer ... se não precisar também, o problema é dela, mas ela vai ser feliz pelo saque dela passar, mesmo ela estando dentro da quadra de voleibol. Se o arremesso dela não estiver caindo, dê uma bola mais leve e abaixe a tabela. Se ela não consegue dançar ou não gosta, não insista; faça com que ela tenha o ritmo, não só faça a dança. Se ela não consegue lutar, dê alguns passos com que o posicionamento que você está dando seja alguma coisa voltada para a luta, para uma defesa. Se ela não consegue dar uma cambalhota, dê um jeitinho para ela só rolar. Mas ajude essa criança."